



Belo Horizonte,  
Julho/Agosto de 2018  
Edição nº 1.379

# SUPLEMENTO

**M**ário de Carvalho, um dos mais refinados escritores portugueses da atualidade, ainda é relativamente desconhecido no Brasil. Este foi um dos motivos que levaram o jornalista João Pombo Barile a entrevistá-lo e apresentá-lo aos nossos leitores.

O paulista Adelto Gonçalves faz um relato do seu convívio com o professor Massaud Moisés, um dos maiores intelectuais brasileiros, que faleceu este ano. A faceta de José de Alencar como jornalista do Império é revelada por José Quintão de Oliveira. O poeta Joaquim Branco comenta a experiência de seu conterrâneo de Cataguases, Francisco Inácio Peixoto — um dos participantes da revista *Verde*, destaque do Modernismo brasileiro —, na União Soviética dos anos 50. E Manuela Barbosa disserta sobre os "sucessores" de Franz Kafka.

Os contos da mineira Lúcia Freitas, do gaúcho Flávio Kothe e do paulista Mauro Guide-Signorelli representam um pouco do que hoje se produz em prosa no Brasil, enquanto a poesia está aqui entranhada nos textos do carioca Leonardo Fróes, nos poemas do mineiro Jorge Emil, do paranaense Marcelo Sandmann, do norte-americano C. K. Williams e na prosa poética de Yeda Prates Bernis.

O desenho da capa é de Antônio Costa Dias.

**Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário**

Lucas Guimaraens

**Suplemento Literário**

**Diretor**

Jaime Prado Gouvêa

**Coordenador de Apoio Técnico**

Marcelo Miranda

**Coordenador de Promoção e Articulação Literária**

João Pombo Barile

**Escritório de Design**

Gíria Design e Comunicação

**Design Gráfico e Diagramação**

Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação

**Conselho Editorial**

Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,

Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques

**Equipe de Apoio**

Jane Mendes, Rosângela Caldeira, Flávia Figueirêdo,

Rui Coutinho

**Revisão**

Flávia Figueirêdo

**Jornalista Responsável**

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

**ISSN: 0102-065x**

Textos assinados são de responsabilidade dos autores

Acesse o Suplemento online: [www.bibliotecapublica.mg.gov.br](http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br)

# SUPLEMENTO



Capa: Antônio Costa Dias

Suplemento Literário de Minas Gerais  
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar  
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143  
[suplemento@cultura.mg.gov.br](mailto:suplemento@cultura.mg.gov.br)

# “DE AMADORES E CURIOSOS ANDAMOS NÓS TODOS UM BOCADO FARTOS, NÃO?”

ENTREVISTA DE MÁRIO DE CARVALHO A JOÃO POMBO BARILE

**U**m dos mais refinados escritores da literatura portuguesa atual, Mário de Carvalho acaba de lançar *Burgueses somos nós todos ou ainda menos* (Porto Editora, 113 páginas, 16,60 euros). O volume, que teve o título inspirado no poema homônimo de Mário Cesariny, reúne onze contos e mostra, mais uma vez, a visão irônica desse escritor nascido em Lisboa em 1944.

No Brasil, infelizmente, são poucos os livros de Mário disponíveis. Nos anos 1990, a editora Contraponto publicou *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*. Em 2005, ele trocou de editora. Na Companhia das Letras publicou mais três volumes: *Era Bom Que Trocássemos umas Ideias Sobre o Assunto* (2005), uma nova edição de *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde* (2006) e *Era Uma Vez um Alferes e Outras Histórias* (2008).

Na entrevista por email que concedeu ao SLMG, Mário conta um pouco de sua trajetória. Relembra sua visita ao Brasil em 2007 e foi, mais uma vez, irônico e preciso sobre o ofício de escrever: “O escritor deve trabalhar e conhecer intensamente os materiais com que trabalha, deve saber o seu ofício, usar as ferramentas do seu mester: e em primeiro lugar e acima de tudo: a língua portuguesa. A esse posicionamento de artesanato chamo eu ‘atitude profissional’. De amadores e curiosos andamos nós todos um bocado fartos, não?”. (JPB)

**Gostaria que falasse um pouco do seu pai. E da influência que ele, porventura, teve na sua escrita.**

O meu pai era extremamente enérgico, com uma fortíssima personalidade e agudeza de espírito. Apesar dos seus múltiplos afazeres (era agente comercial no sector têxtil e tinha escritório, muito conceituado, na Baixa de Lisboa), encontrou tempo para se dar com o meio literário da época e de escrever três livros, dois de poesia e um de contos, que poderíamos sem receio de falhar, integrar na corrente neo-realista à qual a nossa história

literária muito deve. Era também um homem de firmes convicções políticas e, por elas, participou nos movimentos de oposição ao regime ditatorial, tendo sido preso duas vezes, uma delas durante a minha juventude, o que muito me marcou. Talvez ele não tenha tido, em mim, influência directa enquanto escritor, mas, na nossa casa, havia livros por todo o lado, eu estive em contacto com os livros desde muito cedo e desde cedo me habituei a conhecer e a frequentar os nossos autores.

**A experiência do exílio mudou alguma coisa na sua visão de Portugal?**

O meu exílio foi muito curto. Dois meses e meio em Paris, sem documentos, em busca de um passaporte falso; dois meses e meio na Suécia, já a integrar-me naquela sociedade. Hoje já não será assim, mas naquele tempo havia uma distância enorme entre a sociedade sueca, correcta, respeitadora, organizada, normalizada, de bom nível e qualidade de vida e o país miserável e amarfanhado de que eu provinha. Fiquei a pensar que gostaria que no meu país as coisas estivessem à mesma altura. Já estivemos, felizmente, mais longe.

**O senhor foi preso durante a ditadura de Salazar. E sofreu a tortura do sono. Tem pesadelos com esses anos?**

Essa memória pesa e vem às vezes aos sonhos, duma ou doutra maneira. Creio que os onze dias, intercalados, de privação de sono (uma ninharia comparados com outras situações mais graves) deixaram sequelas e problemas de sono.

**O senhor já declarou numa entrevista: “Durante muito tempo fui um advogado que publicava livros”. Parece-me que foi em 1997 que o senhor abandonou o direito. E passou a se ocupar só com a literatura. Acha importante o escritor se profissionalizar?**



Depende do que se entenda por “profissionalizar”. Não me parece nada interessante o escritor desligado da vida quotidiana, encerrado na sua alta torre de marfim. Parece-me importante que tenha outros ofícios e formas variadas de contacto e interacção com o outro. Agora, é preciso distinguir entre «profissionalização» e atitude profissional. Aí sim, tenho poucas dúvidas. O escritor deve trabalhar e conhecer intensamente os materiais com que trabalha, deve saber o seu ofício, usar as ferramentas do seu mester: e em primeiro lugar e acima de tudo: a língua portuguesa. A esse posicionamento de artesanania chamo eu “atitude profissional”. De amadores e curiosos andamos nós todos um bocado fartos, não?

**O senhor gosta de xadrez. E no seu livro *Fantasia para Dois Coronéis e uma Piscina*, uma das personagens é jogador de xadrez. Lembrei-me de Nabokov, que também gostava de xadrez e tem até um romance sobre o tema. Existe alguma relação entre literatura e xadrez?**

Eu joguei xadrez na minha adolescência, no liceu. Era uma forma de me escapar aos sábados militarizados que havia no Portugal de então, para a juventude. Com fardas, saudações, marchas, desfiles, a chamada “ordem-unida”, como na tropa. Quem se dedicasse a uma actividade desportiva paralela, era dispensado da militarice. Podia ter escolhido a esgrima, mas, por influência dum primo mais velho, também no liceu, aproveitei para jogar xadrez, e até participei em alguns campeonatos. Na altura – já lá vão tantos anos – estava informado sobre aberturas, lances conhecidos, lia a transcrição dos jogos dos campeões mundiais, como Botwinik e Smislov, comprava livros de xadrez. Foi uma actividade juvenil, nunca fui um grande jogador, embora uma vez, numa simultânea tenha ganho ou empatado com o então jovem campeão do Brasil, o que para mim foi uma coroa de glória. Voltei a jogar, de vez em quando, na faculdade (e na prisão), mas esparsamente. Tenho é uma grande admiração pelos grandes jogadores e por aqueles cérebros. Agora, se me pergunta sobre literatura e xadrez, talvez não valha a pena lembrar os grandes autores que tomaram o xadrez como tema (penso em Sefan Zweig, por exemplo), mas considerar que na escrita e na construção das tramas e dos conflitos, há um a reflexão estruturante que pode ter as suas semelhanças e, eventualmente, usar as mesmas áreas do cérebro.



**Sei que o senhor é um grande admirador de Machado de Assis. Quando o senhor esteve aqui no Brasil, em 2007, para lançar *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde e Era Bom que Trocássemos umas Ideias sobre o Assunto*, o senhor disse que os livros eram representativos de duas vozes presentes em sua obra: a que utiliza o português de hoje e vê os nossos contemporâneos e nossa contemporaneidade, representada pelo livro *Era Bom que Trocássemos umas Ideias sobre o Assunto*. E a voz que vai buscar a nossa memória histórica, caso de *Um Deus passeando...* Poderia explicar um pouco melhor?**

Estive no Brasil em 2007, de facto, numa grata e aprazível deslocação ao Rio e a Parati. Sou, como é dito, um admirador incondicional de Machado de Assis, mas também de Jorge Amado e sobretudo do excelente e depurado trato da língua portuguesa em Graciliano Ramos. No outro extremo, como não admirar a exuberância verbal e imagética dum Manuel Bandeira ou dum Guimarães Rosa? Da literatura brasileira mais atual, penitencio-me, não conheço muito. Mas convém não esquecer aquele dito de que todos os grandes escritores são afinal nossos contemporâneos. Eu não inventei a língua em que estamos agora a conversar, nem o meu interlocutor. Estamos a falá-la porque, num remoto passado histórico, umas multidões de túnica e sandálias (e também couraças e dardos em grande quantidade) vindas da Península itálica, em som de guerra, dominaram a Península ibérica durante séculos. Sem a romanização não estaríamos ambos a falar o português (sem esquecer as achegas germânicas e sobretudo árabes, que vieram mais tarde). É esse lastro, essa presença histórica que conforma a nossa língua e modela a nossa cultura que eu penso não deve ser esquecido. O meu livro *Um Deus Passeando...* tem muito que ver com a tal indagação da matéria de que somos feitos e com os dilemas e constrangimentos que se colocam ao ser humano desde há muitos séculos para cá. É evidente que, em se recorrendo a um tema romano, o vocabulário ou os conflitos devem (até por respeito para com o leitor) ser apresentados com plausibilidade. Não há quilómetros, nem litros. Evitam-se a palavra “fulano” e tantas outras igualmente de origem árabe. As instituições e a vida urbana do mundo antigo devem estar minimamente conferidas...Tenho escrito várias vezes sobre o passado, ou o passo mítico (*O Conde Jano*) ou um passado histórico mais ou menos confabulado (*A Paixão do Conde de Fróis*), sinto a presença dessa tradição (*traditio*: aquilo que se entrega, que passa de geração em geração), mas não me sinto obrigado a permanecer no romance histórico ou na fábula romântica ou na evocação das guerras coloniais. Os meus concidadãos, nas voltas e contravoltas da vida, nas ilusões e desilusões dos últimos tempos, nos seus fracassos e conseguimentos, dão amplíssima matéria para efabular. E a linguagem, obviamente terá de se adaptar ou a um jovem casal burguês das avenidas mais abastadas, ou aos bairros populares da velha Lisboa.

**Certa vez o senhor afirmou que quatro livros, vira e mexe, o senhor sempre volta: *Dom Quixote*, de Cervantes, *Almas Mortas*, de Gogol, *Moby Dick*, de Melville e *À Sombra do Vulcão*, de Malcolm Lowry. Poderia falar de sua relação com cada um deles?**

Seria excessivamente moroso fazer aqui o comentário dos quatro livros que citam, a que se poderiam, aliás, acrescentar outros. Trata-se, sobremaneira de obras maiores da literatura universal, que deixaram

profundas marcas em todos nós. O *Quixote* pela branda sabedoria, *Almas Mortas* pelo risível mostruário de personagens, *Moby Dick* pelo estilo grandiloquente, em torno da vingança de um marinheiro, o *Debaixo do Vulcão* (título do livro em Portugal) pelos amores imperfeitos (não os serão todos?) que deixam sempre qualquer coisa por dizer entre um homem e uma mulher.

**Sei que o senhor é bastante crítico em relação ao ensino da língua em Portugal. “O ensino parece que, cada vez, aumenta o corte com a nossa memória”, disse certa vez. O que o senhor chamou de emparedamento no presente. Poderia explicar melhor?**

Eu não sou um adepto das facilitações no ensino, mormente no que respeita à língua e à literatura. Nem os autores das nossas tradições literárias o merecem, nem os jovens alunos merecem que alguém subestime a sua capacidade de apreensão e memória. Ainda que seja, por vezes (até para cada um de nós será) muito complicado entrar em certos autores – pela linguagem de época, por exemplo, os nossos jovens devem ser-lhes apresentados. São padrões de qualidade que devem receber muito cedo e que, mais tarde os ajudarão a rejeitar a leitura de cutiliquê, como muita da que se publica por aí. É importante que reconheçam que estão num âmbito linguístico que os transcende muito a eles, e aos seus restritos grupos e interesses. Que a língua portuguesa é duma riqueza e duma flexibilidade notável, apta a diversíssimos tons e matizes. A expressão que eu usei um dia de “emparedamento no presente” resulta da sobrevalorização do dia a dia, da “espuma dos dias”, para usar uma frase feita, com amputação das várias e ricas dimensões a todos os níveis de irradiação.

**Em 2014, o senhor publicou o guia prático de escrita de ficção “Quem dizer o contrário é porque tem razão”. Poderia falar um pouco da experiência de oficinas literárias? Elas funcionam?**

O meu guia prático (notem que não lhe chamei de escrita criativa) destina-se a abrir e a problematizar algumas das questões com que os leitores e os jovens escritores, designadamente os menos experientes se confrontam, uma vez empreendida a aventura da escrita. Aparecem por aí muitas «oficinas de escrita dita criativa» organizadas por pessoas cuja única preocupação e talento é ganhar dinheiro. Normalmente impõem «regras» rígidas, peremptórias, fantasistas e fogem dos dilemas, paradoxos e perplexidades que se deparam aos verdadeiros escritores. Em certos casos, alguns livros de autoajuda, neste campo, aproximam-se da fraude. Por várias vezes, na minha vida, regi oficinas de escrita, a que chamei narrativa, e nunca criativa, para não inculcar a falsa ideia de que a criatividade é coisa que se aprende em manuais ou em grupos. De igual modo dei algumas aulas de escrita de cinema, escrita de teatro e escrita narrativa, no ensino superior. Talvez tenha sido importante para reflectirmos em conjunto sobre essa problemática. E verificarmos que, ao fim e ao cabo, tudo acaba por se reconduzir, mais coisa, menos coisa, à velha *Poética de Aristóteles* escrita, ou ditada, há 2353 anos.

**O senhor disse certa vez: “O que é desprezível na literatura de sempre é a ignorância e a alarvidade”. Vivemos anos medíocres na literatura? Ou não?**

Não me lembro dessa afirmação, mas a ignorância e a alarvidade, onde quer que seja e como quer que seja, nunca são de louvar, pois não? Os vindouros saberão dizer se estes anos que vamos vivendo são ou não medíocres. Talvez haja coisas em que a gente não repare, por estarmos demasiado embebidos nelas.

**O senhor já disse que *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana* é o seu livro mais elaborado. Qual livro acredita que ficará mais conhecido?**

*O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana* foi a primeira narrativa longa que escrevi, mas só vim a publicar mais tarde, após *Contos da Sétima Esfera* e *Casos do Beco das Sardinheiras*. É um livro complexo, com três partes distintas, múltiplas vozes, vários registos, presididos pela ideia de cerco, deambulação e estranheza, num tom em que o absurdo e a divagação sonâmbula se entrecruzam. Visto pelos meus olhos de hoje, conserva algumas ingenuidades de escrita, que não corrigirei porque não quero profanar o que foi a obra dum jovem de trinta anos, bem diferente do de hoje. Mas creio que *A Inaudita Guerra...*, *Os Afres*, *A Sala Magenta* e *O Deus Passeando...* pelos sinais que vejo são livros que parecem ter-se instalado, para ficar, no nosso imaginário.

**O humor é uma marca comum em, quase todos, os seus livros. A ironia é mesmo uma das marcas da sua obra?**

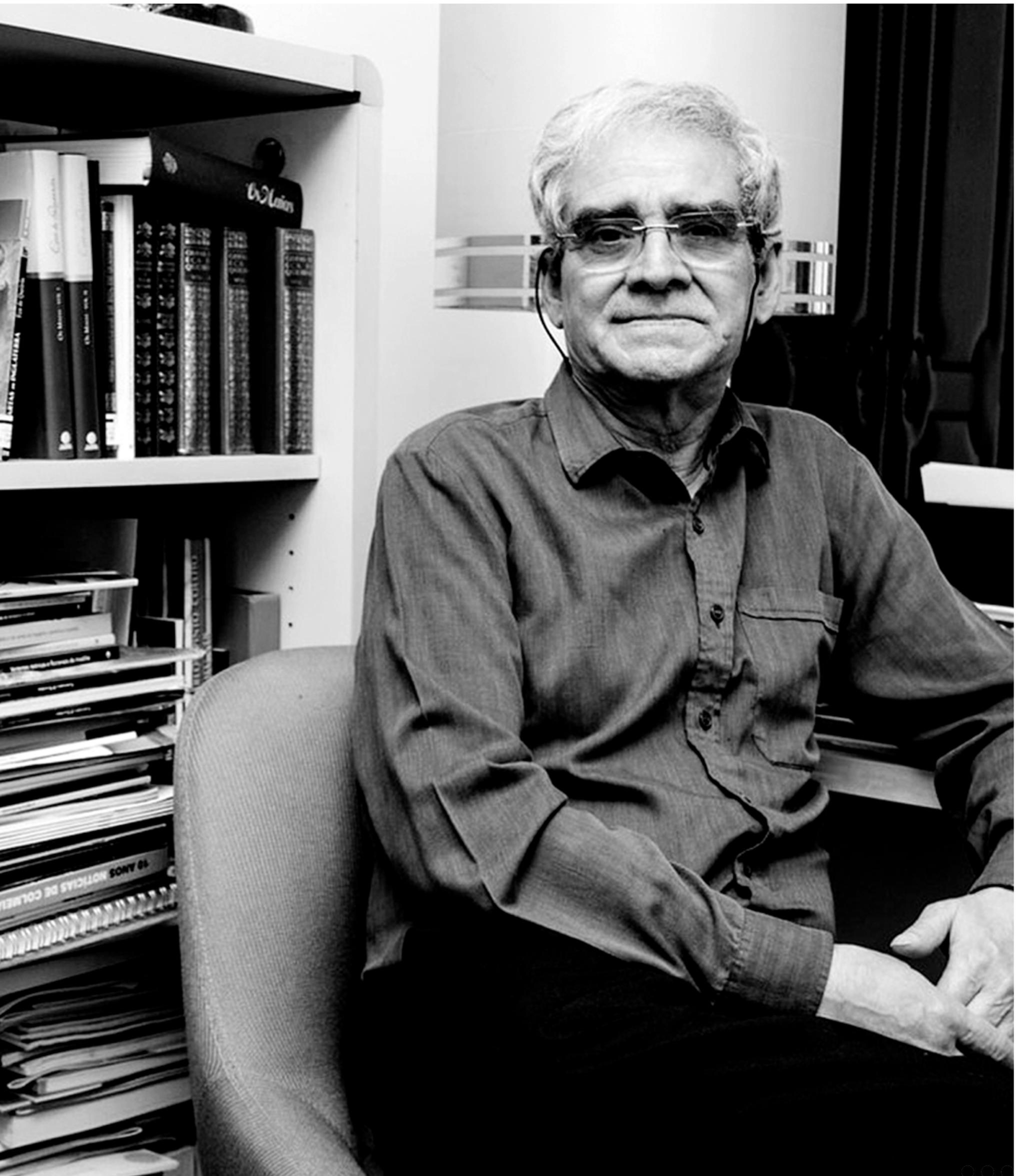
Tenho tendência para ver “o outro lado” das situações, o lado do absurdo, do ridículo ou do cômico. Tenho sublinhado várias vezes que as ocasiões de grande solenidade e autoridade são aquelas que se mais prestam à graça. E descobre-se sempre qualquer coisa de faceto e inesperado, por vezes no meio do desespero ou da tragédia. De qualquer forma, em livros meus como *Casos do Beco das Sardinheiras* e em muitos outros contos, é esse aspecto bem-humorado e risível que se realça.

**O senhor acaba de publicar *Burgueses Somos Nós Todos ou Ainda Menos*. Poderia falar um pouco desse novo livro?**

O livro que acaba de sair é um conjunto de contos em que contam (às vezes também de forma faceta) os relacionamentos amorosos, familiares e outros duma classe alta portuguesa. Estão lá as ilusões e desilusões, as traições e os enganos, enfim, para usar uma expressão sintética: “o Amor, o Dinheiro e a Morte”, enfim, para usar a enumeração temática de um dramaturgo hoje esquecido, Olavo d’Eça Leal.

JOÃO POMBO BARILE

paulista de Campinas, é jornalista e coordenador do SLMG.





# TEXTOS INÉDITOS DE LEONARDO FRÓES

## CASA COMIDA

as plantas se misturam com a casa vão fazendo uma toca com as paredes se esticando sobre o telhado penetrando em janelas porque plantadas tão juntas se embolaram e crescem além de toda medida e poda e mando e controle e avançam pela cabeceira das camas entram nas gavetas do quarto serpenteiam e engordam pelos corredores com exuberância tropical total e rodopiam se enroscando ou roçando umas nas outras e ainda com suas sombras nos cantos por toda parte onde se alastram e infiltram como plantas carnívoras devoradoras e úmidas deglutindo a casa caiada

ferros enferrujando e partes de um arado sem uso e de um trator desmontado e um carrinho de mão pilhas de madeiras podres ou gastas baldes de latão cacos de vidro capim crescendo em línguas espremidas entre um bagulho e outro

sobras de obras sacro entulho partes de um portão arriado um pé de abóbora um de milho um de jaca alguns de carqueja seca e sapê

as plantas se misturam com os ferros que entram pela cabeceira das camas fazendo dessa casa ruída uma arqueologia viçosa com suas folhas grudadas que não param de crescer e cair enquanto o solo se organiza entre pedras e bactérias ativas e duendes brincalhões e tijolos quebrados para renascer nas janelas em flores grandes que despencam com exuberância nas pilhas de madeiras podres ou gastas nos baldes de latão

\* \* \*

## DESORDEIRAS

Soltas, elas agora podiam reincorporar-se à vontade, sem o travo do sentido, sem a goma (sim, a goma) da fidelidade: elas eram ilógicas e desordeiras na aparência, mas correspondiam-se à perfeição, eram tão parte da articulação geral em cadeia como os urros, os gestos, os gemidos — ou os afagos que a humanidade se faz na intimidade do espelho. Elas eram voláteis, por um lado, e por outro, quando exaladas, podiam deixar marcas profundas. Caminhavam sonâmbulas na madrugada, e na sedução dos seus meneios recônditos, no enlevo de suas luvas enluaradas, muitos, os mais afoitos, se perderam.

Com elas, e suas limitações, tinha pois a obrigação de construir seu possível: charadas e imitações, palácios e tendas. Uma trama de argumentos e prerrogativas. Uma hipótese para qualquer desejo. Teria então um nome compatível para dar ao valor arquitetônico que elas adquiriram? Cada uma seria, se fossem módulos, uma pedra inaugural, um tijolo. Mas, e se fossem biombo? Porque assim como deixavam marcas profundas, assim como marcavam o valor do momento, elas também o falseavam, e escondiam muita coisa por trás. Por um lado, verdade seja dita, faziam pontes colossais sobre abismos. Por outro, faziam mascaradas tremendas!

É inevitável ser a construção um labirinto sem fim, onde capa pedra assentada coloca em plano vertical uma sombra — dura e concreta como ela própria. E existe uma atração também infinita, na zona permanente de penumbra, entre os aromas, timbres, cores, vibrações das qualidades que se enclausuraram ali. Nunca, acredita-se, vão encontrar saída.

LEONARDO FRÓES

fluminense de Itaperuna, é poeta, tradutor, jornalista e crítico literário brasileiro.

# JOSÉ DE ALENCAR

## UM JORNALISTA DO IMPÉRIO

JOSÉ QUINTÃO DE OLIVEIRA

---

No século 19, a partir mesmo da Independência, a literatura brasileira e o jornalismo mantiveram relações as mais estreitas. Praticamente todos os escritores, poetas ou prosadores, foram colaboradores dos jornais de então. Da mesma forma, muitos jornalistas tentaram a sorte na literatura, arriscando-se em verso e prosa nas páginas de periódicos e mesmo chegando ao livro. José de Alencar foi caso exemplar da fluidez desse trânsito entre o livro e a página do periódico, participante e protagonista de importante capítulo da história da imprensa nacional.

O autor de *Iracema* foi advogado, professor, estudioso do folclore, polemista, crítico literário, teatrólogo, teórico da política, político profissional, funcionário público, entre outras muitas atividades. Observe-se que a lista apresenta apenas pequena parte das muitas ocupações a que se deu esse verdadeiro polígrafo, portador de extensos conhecimentos, dedicado aos mais variados afazeres intelectuais. Foi, porém, acima de tudo escritor e, durante toda vida, desde a juventude à morte precoce, jornalista. No exercício dessa atividade pode-se dizer que estreou nas letras e encerrou sua vida.

Num periódico acadêmico, de cuja fundação participou e de que foi colaborador bastante assíduo, teve publicados os primeiros escritos, algumas charadas e três ensaios curtos. Os ensaios saem, um a cada ano, entre 1848 e 1850. O primeiro deles, sobre a carnaúba, é escrito apoiado em informações livrescas, observações do autor e informações buscadas junto a pessoas experientes no trato com essa planta. Revela-se nesse escrito de aprendizado uma das mais marcantes características do ficcionista

maduro cuja imaginação sempre se lançará ao voo a partir de uma sólida plataforma de informação e estudo. O segundo é um texto de fundo histórico, início de um esboço biográfico do índio Antônio Filipe Camarão, herói da guerra contra o invasor holandês e do romance *Iracema*, em que o leitor o identificará por seu nome indígena, Poti. O terceiro é um texto crítico, "O estilo na literatura brasileira", em que se vislumbram os estudos literários do jovem aprendiz de escritor.

Alencar escreveu em jornal como colaborador eventual, manteve colunas como o folhetim do *Jornal do Comércio* e do *Diário do Rio de Janeiro*; foi redator, diretor e ainda proprietário e fundador de mais de um periódico. Nas páginas dos jornais entreteve importantes polêmicas políticas e literárias e interveio nos mais variados debates sobre a construção da pátria nascente. Ou seja, ao longo da vida desempenhou, pode-se dizer, todas as funções jornalísticas e foi ainda escritor folhetinista, publicando nos rodapés de jornal obras como *O Guarani*, *A viúvinha* e *Cinco minutos*. *Iracema*, sua obra-prima, foi depois da sua morte traduzida ao alemão e ao francês, publicada em folhetim aqui e lá fora.

A partir de 1851 quando se instalou no Rio de Janeiro para iniciar a carreira de advogado, começou também a colaborar com os jornais da então Corte do Império e escreveu alguns artigos sobre temas jurídicos. Em 1854 lhe foi oferecida e recusada a posição de titular do rodapé da primeira página da edição dominical do prestigioso *Jornal do Comércio*. Em seguida, aceitou uma oferta de trabalho feita pelo

amigo da vida inteira e ex-colega dos bancos acadêmicos em São Paulo, Francisco Otaviano. Esse, que havia introduzido o gênero folhetim no jornalismo diário brasileiro nas páginas daquele jornal, assumia então a direção do *Correio Mercantil* e entregou ao jovem Alencar os rodapés dominicais, as páginas menores.

Para prosseguir, cabe aqui estabelecer uma distinção entre o folhetim, gênero transição entre o ensaio e crônica que se estabeleceria soberana com Machado de Assis, e o romance-folhetim, também chamado simplesmente folhetim. Esse último começou a ser publicado na Corte a partir da década de 1830, é gênero que o escritor cearense alcançou já maduro no país, contribuindo para elevar-lhe a qualidade com obras como *O Guarani*, publicado no *Diário do Rio de Janeiro* entre primeiro de janeiro e 20 de abril de 1857. Nesse mesmo ano, aproveitando os clichês do jornal e com a sua chancela, o romance foi impresso e publicado em livro, em quatro volumes, correspondendo cada um a uma parte do romance.

Alencar saiu-se com brilho na também como folhetinista, parte das suas colunas estão publicadas no livro *Ao correr da pena*, em volume que reúne parte expressiva do que escreveu nesse gênero. Saiu do jornal dirigido por Otaviano e por sua vez foi dirigir o *Diário do Rio de Janeiro*, onde continuou com o rodapé dominical e publicou alguns romances-folhetim, como já se disse. Nas páginas desse jornal entreteve a famosa polêmica em torno do poema *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, em que terminou por enfrentar o próprio Imperador.

Alencar saiu-se com brilho também como folhetinista, parte das suas colunas estão publicadas no livro *Ao Correr da Pena*, em volume que reúne parte expressiva do que escreveu nesse gênero. Saiu do jornal dirigido por Otaviano e por sua vez foi dirigir o "Diário do Rio de Janeiro", onde continuou com o rodapé dominical e publicou alguns romances-folhetim.

O jornalista Alencar serviu-se também de folhas volantes que circulavam independentes, vendidas pelos jornaleiros pelas ruas do Rio de Janeiro e também por assinatura. É o caso das cartas assinadas por Erasmo a partir de 1864, dirigidas diretamente ao povo ou a algumas importantes figuras políticas da época, principalmente D. Pedro II, destinatário da maioria delas. Estão hoje já reunidas em livro por José Murilo de Carvalho (*Cartas de Erasmo*, publicado 2009 pela Academia Brasileira de Letras). Segundo testemunhos da época, fizeram grande efeito junto ao público leitor e alcançaram repercussão política. Observe-se que Alencar dirigiu as cartas Imperador, porém, tornou-as públicas. Assim procedendo, provocou a

curiosidade do leitor – afinal, o que dessa vez diria a Sua Majestade o romancista e polemista atrevido? – e o próprio Imperador que não teria como fazer-se de desinformado sobre o que era debatido e comentado pelas ruas da Corte. Merece ser comentado também o uso de pseudônimo em lugar do nome civil do autor, que era perfeitamente aceito e defendido à época como parte inseparável da, pode-se dizer, absoluta liberdade de pensamento existente durante o Segundo Reinado. No reduzido ambiente da Corte, esses pseudônimos eram, na grande maioria das vezes, espécie de segredo de Polichinelo: causavam de início alguma celeuma mas logo se sabia quem era o autor dos textos. A última dessas cartas trazia a data de 15 de março de 1868.

Nas páginas dos jornais travou em 1875 outro debate famoso, dessa vez com o jovem filho do senador Nabuco Araújo, Joaquim Nabuco. Nas páginas do mesmo jornal, *O Globo* (que não era o jornal da família Marinho), publicara no ano anterior seus estudos pioneiros sobre poesia popular. Ali trouxe à luz o romance do boi *O Rabicho da Geralda*, primeira publicação de um poema dessa espécie na imprensa do país.

Em 1877 fundou em companhia do irmão Leonel de Alencar e de Félix Ferreira o mensário *O Protesto*. Desse periódico foram impressos apenas cinco números com 16 páginas cada. A publicação foi interrompida devido à morte do grande lidador da literatura e do jornalismo nacional ocorrida no dia 12 de dezembro

do mesmo ano, depois de vividos escassos 48 anos. Nesse percurso praticou e defendeu como valor inegociável a liberdade de pensamento e expressão. Esse foi José de Alencar, jornalista.



#### JOSÉ QUINTÃO DE OLIVEIRA

mineiro de Belo Horizonte, é professor de Literatura brasileira e Doutor em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG.

# DIÁLOGOS

CONTO DE LÚCIA FREITAS

---

Cheguei à conclusão que não sabia escrever histórias. Havia as coisas. Conforme nossos olhos; por partes; pela sua mentira, pela sua verdade, pela sua meia aparência, pela sua farsa, pela sua cilada, pelo seu topo, pela sua margem... Nunca deixavam de ser. Mesmo que não absolutas, eram, sempre. Mas, apesar disso, estava ali, tomada pela infelicidade que me soprava por dentro: a incapacidade de escrever histórias. Dessas de começo, meio e fim, tramas, enredos e pior: diálogos. Os diálogos como desenhos a lápis. Não conseguia escrever diálogos.

Na verdade, nunca os tentara objetivamente, no papel. Tinha-os sim, quando pensava por dentro, diálogos entrecortados. Mas isso não era como desenhar... menino, cadeira, rosto, cabelos, incêndios. Quando tinha esses diálogos por dentro, sequer sabia com quem e que rumo iriam ter. Cheguei à conclusão que não sabia contar histórias: personagens, narrador, começo-meio-fim. Diálogos de sombra e luz. Nunca fora boa de desenho.

É verdade que tentava, mas não tinha mesmo talento. É que as formas eram tão carregadas do que via dentro, que restavam deformadas aos olhos. Não sei desenhar essas formas externas, o brilho das maçãs, a harmonia dos rostos, os animais... Tudo sempre foi menos vivo do que o que lhes via dentro: tudo animado, tudo em movimento, todas as formas deixando escapar o tempo da angústia, todas as vozes de dentro; uma patologia das coisas ou minha? O tempo todo essa comunicação das coisas de dentro num sentir infundável. Até quando fazia fotos, não conseguia me prender nos objetos. Prendia-me logo no que estava por dentro. As fotos, cada vez mais, impregnadas dessas visões. Fotografava uma senzala, lá estavam os corpos dos negros, expressivos, os músculos espiralados, retorcidos em grande força, saindo de dentro das paredes, misturando-se às manchas do reboco e da pintura. Fotografava casarões antigos, eram as crianças mestiças, os olhos expressionistas e as antigas senhoras de éter, sem jamais olhar para o foco da lente, a sair de dentro dos objetos para se mostrar. Eu não me assustava. Não conseguia mesmo me fixar em um contorno único das coisas. Tornavam-se cada dia mais intensamente sua vibração interior, seu indizível.

Assim, naquele dia, descobri que não podia contar histórias porque não sabia desenhar; não sabia o desenho do real contorno das coisas.

Uma corriqueira reunião de personagens me angustiava. Como estar ali entre eles sem feri-los, sem fazê-los dizer o que não queriam, como descobrir o som de suas vozes, o grave e o ritmo de seus sons, a intensidade de suas vidas, seus mitos recônditos, o fluxo de suas falas,

a dinâmica de seus sentimentos, suas anomalias, seus movimentos e sestros, suas paixões e mediocridades, como tocá-los, como ouvi-los e saber que a voz que ouvia, que a fala escrita era deles e não minha.

Eu, há mais de 30 anos, vivia nesta casa, com os quatro em minha sala. Jamais os toquei, jamais perguntei a que vinham, a que estavam. Eles não saíam dali e foram se tornando uma presença onisciente em mim. Não sabia como me dirigir a eles, perguntar-lhes o quê? Em uma fantasia, tornaram-se parte de minha alma. Passava horas imaginando conversas com eles, mas jamais nos via, os cinco, num diálogo. A inércia material dos corpos produziu em mim muito mais que eu pudesse imaginar durante todos esses anos. Exercitava dia a dia a presença deles em minha casa e as possibilidades do que fossem.

Um magro, careca no alto da cabeça, bigode reto, sem criatividade, a testa irritante. Um terno limpo, de corte mesquinho, meias marrons e sem sapatos. Imaginava que estar sem sapatos o incomodava muito. Parecia que tinha por costume dar ordens, determinar, complicar, dar voltas em torno de si todo o tempo, procurando se achar enquanto acusava a todos de perdidos. Eu não lhe calçava sapatos. O espanava todos os dias, lustrava o alto de sua cabeça com óleo de amêndoas, mas sapatos não. Não lhe podia tirar o incômodo. Precisávamos dele.

Vivíamos nesta casa antiga.

Hoje, num ato de impulsividade, aproximei-me do de meias marrons, e, como se ele estivesse aguardando, dei-lhe bom dia. Tudo aconteceu naturalmente. Não nos estranhamos. Disse-lhe de minha angústia imensa por ter descoberto que não sabia escrever histórias. Disse-lhe que, apesar disso, minha alma me incomodava com suas reflexões e eu... eu fico dizendo asneiras por aí; não sabemos nunca pra onde vamos, e vou me perdendo e invejo diálogos e diálogos coerentes, escritos com fluidez e ordem, e me desespero. Poderia morrer desesperada. Não, não há resposta.

O homem, abrindo um olho lento, como que acordando de um sonho ancestral, passa os olhos em volta, uns olhos que me dizem: – que que é isso mulher, onde estão minhas coisas, meus sapatos, ande, vamos, depressa, meus sapatos. Mas meus olhos permanecem parados e pouco me interessam seus sapatos, já busquei tantos sapatos e os calcei, ajoelhada no cimento, nos tacos, nos ladrilhos, na terra, nas pedras, fazia meus joelhos os de beata. Não há pressa em mim, ele vê.

Irritado, me diz que, em primeiro lugar, deveríamos dar nomes às coisas, às pessoas, porque ele detestava coisas tipo fulano 1, fulano 2,

No outro sofá, recostado,  
camisa branca, calças  
pretas, meias e sapatos  
pretos, brilhantes, bem  
engraxados, ele falava.  
Seus cabelos eram  
escuros, bem penteados  
e brilhavam como os  
sapatos. Seu rosto  
redondo, corado, lábios  
vermelhos, nem finos nem  
grossos, olhos vívidos,  
me impressionaram. Havia  
lágrimas no seu rosto,  
no seu peito, mas não  
eram dos seus olhos.  
Chiquito... soprou-se em  
meus ouvidos.

... Em tudo, disse-me ele, vê-se o fio da meada. João, disse me em voz alta; esse é o meu nome. João, é o que me lembro, se é que é verdade que me lembro. Essa condição do que se é deixou-me confuso. Ainda não sei se sou quem acho que sou, se sou uma outra dimensão de mim, em qual condição existo. Não sei o que faço aqui e daqui para onde vou. Até meu nome, João, penso às vezes ser fantasia. Ah! isso mesmo, a gente não se livra delas nem no outro mundo, ou nesse, se estou vivo. Veja você, eu fico me perguntando: – Se estou morto, se sou defunto, como estou aqui na sala de sua casa, vestido neste terno que é o mais fino que tenho, que jamais usei em vida, conversando em carne e osso. Que aflição, que ansiedade estar aqui conversando, sentindo-me em carne e osso, quando é quase certo que estou morto. Era você quem devia estar aflita, angustiada, ou não?

João não percebia minha angústia e estranhava o que achava ser a falta dela, porque era assim que eu deveria me sentir diante dele. – Mas não, veja só. Quem se angustia sou eu, o morto, o defunto, colocado aqui sem saber por quê. Posso estar vivo, desmemoriado, em tratamento, é isso. Quanto custa isso aqui, é caro demais para mim. Quero que você saiba que eu não estou louco, eu nunca precisei me tratar. Eu sempre soube de tudo, vamos ver? Você, eu vejo nos seus olhos, sua mulher infeliz. Você sim, infeliz e louca de estar aqui trancada neste

casarão, sozinha, angustiada por não saber escrever histórias. E não sabe mesmo, mulher. As mulheres não sabem escrever histórias. Falam, confabulam, armam fogueiras e enlouquecem. Não são capazes de economizar no pão de cada dia e vivem lamuriando as penas do coração. Vocês, mulheres, têm medo de ter medo, pariram um deus e cuidaram para que seu corpo e alma jamais morressem. Falta de realidade. Não há imortalidade. Esse deus nasceu da falta de realidade. E minhas abotoaduras, onde estão? Onde eu estava? Vocês sempre nos interrompem, não nos deixam falar. Você não se lembra de mim, eu, João. Fui seu vizinho, me via na padaria, no ônibus? Eu não me lembro de você, mas você sabe... Isso é um preâmbulo do juízo final? Onde está Deus e de que lado dele eu estou?

João era assim, como estava ali. Então, esse homem gostava de dar ordens quando se achava confuso. Queria respostas imediatas, era um narciso no juízo final. Tive vontade de rir diante da hipótese do juízo final. E ele sem sapatos. Deveria estar se achando péssimo diante de Deus. Tentava dizer alguma coisa, mas ele não parava, não se calava. Às vezes, eu intervinha e lhe dizia que aquilo era apenas imaginação de alguém que se sentia incapaz de escrever, mas a angústia de João, a ansiedade,

aumentavam, era impossível calar-lhe.

Entre um dia nessa sala e os encontrei aqui. Sei, talvez, também não sei ao certo, que a morte não me é estranha. Sou tomada por sensações de proximidade dela com tal estreiteza que me assusto com o conforto que me toma. Sinto-me às vezes como uma de vocês. Sou chamada e venho. Mas e a angústia, João, as fantasias, não nos deixam, enfim? – Por que haveriam de deixar? Não vivemos ou morremos para ter certeza de nada. Nunca compreendemos bem (ou mal) qualquer coisa. Agora mesmo, essas lágrimas no papel: por que as vejo, por que molham também a mim? E por que sei que, apesar dos olhos adultos que as choram, me molham com gosto de criança?

Eu havia me virado para o lado esquerdo. Não era mais a voz de João que me respondia. Havia um riso que não cessava, potente, um riso grosso entrecortado de tosses e de alegria. Era como se a vida estivesse partindo para uma grande folia de carnaval temporão, o que incomodava muito o vizinho João. Era o Ubaldo, com seus cabelos cor de lua cheia, braços e pernas como troncos sólidos de uma árvore ancestral e olhos e boca iluminados de claridade. Destoava dos outros companheiros, pois me olhava desafiador, buscando em mim a capacidade para colocar-me à prova. Eu o temia, mas o amava! Era meu esteio, meu selo da sorte pra sonhar o impossível. Mas não me dizia nada além de rir muito, de muitas vezes estar rindo de mim! Assim, nos falávamos, ele rindo, eu sorrindo e temendo não saber desenhar.

No outro sofá, recostado, camisa branca, calças pretas, meias e sapatos pretos, brilhantes, bem engraxados, ele falava. Seus cabelos eram escuros, bem penteados e brilhavam como os sapatos. Seu rosto redondo, corado, lábios vermelhos, nem finos nem grossos, olhos vívidos, me impressionaram. Havia lágrimas no seu rosto, no seu peito, mas não eram dos seus olhos. Chiquito... soprou-se em meus ouvidos. Nunca o esquecera; eu criança, ele homem feito, saindo cedo para trabalhar, parando no portão para passar uma flanela nos sapatos que já brilhavam muito, o sorriso, ei, Chiquito, ei.

De tarde, eu sempre o esperava no portão, e ele, antes de entrar em casa, me cumprimentava, sorrindo. Pensava se ele se lembraria de mim. Ei, Chiquito, você escreve, eu sei, olha só: caindo de joelhos e abrindo os braços gritava: – Cristo Total! Eu vi a faixa. É bom, é coisa de gente admirável. E o meu trocado? É só dar um furinho de alfinete aqui no cartão e me dar o dinheiro. Não precisa furar. Toma. E um riso, outro riso, a mão nos meus cabelos, os sapatos brilhantes, ele é bom, é de verdade. Ou é de mentira?... Chiquito escrevia coisas à noite toda e as queimava ao amanhecer. Eu via a angústia, o fogo, as cinzas, o lixo e o fim de tudo. Nunca se contentava com o que escrevia. Isso é coisa para menina da sua idade saber? É sim, ele é muito inteligente, eu sabia que ele não era louco, era lindo, ganhava prêmios, mas queria escrever livros, outras coisas, eu sabia, e tinha medo também de não saber desenhar.

Eu sempre esperava por ele de manhã, e ele era tão bonito, tão penteadado e, apesar de sério, tinha sempre um sorriso. E era tudo sorrindo, seus olhos, sua boca, sua cabeça pendendo pros lados. Ele me esperava também, toda tarde, e às vezes eu tomava a flanela de suas mãos e lhe

limpava os sapatos. Deixa Chiquito, eu limpo. Olha, eu vou começar a engraxar sapatos agora. Já achei na rua uma caixa de engraxate e posso ganhar uns trocos. Se você quiser eu engraxo todo dia. Mas ainda não decidi se vou cobrar de você.

Um dia, e ele era turbilhão de palavras, de gritos, de choro, de olhos assustados, de bocas secas e brancas, de espanto, na hora do almoço. Ele chegou na tribuzana da morte, ele pulando debaixo do ônibus na hora do almoço, movimento, não deu para o motorista frear, ele tentou, mas Chiquito havia sido ágil e certo, eu sabia que ele era inteligente, a cabeça debaixo das rodas do lado direito, do passeio para a rua, na Guajajaras, ele estava de camisa branca e calças pretas, os sapatos sempre brilhando, a cabeça esmagada, o asfalto se colorindo dele, a rua da cidade impregnada do colorido de seu sangue, seus miolos pálidos acinzentados, ele de braços abraçando a rua, a cidade, meu coração, o cérebro exposto no movimento do meio dia, no sol claro do almoço todas as páginas de seu romance libertadas no desenho do seu corpo a giz.

Chiquito havia saído de minha sala naquele momento e, ao lado de onde esteve deitado todos esses anos, havia o corpo de uma criança. Tinha tanta beleza na pele, por dentro dela, a consistência de mil óleos a tornarem-na lisa e macia. Não tinha mais que meses. Estivera ali todos esses anos, presa a uma grade de varanda antiga e nunca conseguira retirá-la. Passaram a formar uma só coisa, de desenhos arredondados como flores, um mosaico, um voo interceptado na rede inesperada.

Como não fosse possível a separação, coloquei-as no canto mais iluminado da sala para que a grade não se enferrujasse e a criança não perdesse a cor suave de sua pele. Impressionava-me que, apesar de nunca ter aberto os olhos, manteve o cenho franzido todos esses anos. Não havia alegria ou pureza e era como esteve – um bebê de cenho franzido. Naquele momento, no entanto, havia se dissipado a apreensão. Estava de braços, e, com as mãos pequenas, montava binóculos sobre os olhos, mirando à frente e dizendo coisas incompreensíveis. Eu me espantava com a destreza da criança e com o fato de ter um conceito óptico para além de sua idade. Puxou-me pela mão e, tocando a grade antiga, transformou-a num molho de chaves velhas, enfiadas em arame amassado.

Estava sorrindo e me assustava que aquela criança se tornasse tão viva, como se a vida estivesse paralisada nela, não a morte, mas a vida crispada, em riste, contida com o esforço de um dique, uma represa, a tensão de turbina de foguete prestes a explodir. Não era mais uma comunhão com a grade de ferro, e seus olhos sorriam, sua testa lisa, limpa. Mas algo em seu olhar me amedrontava, me fazia desconfiar de suas intenções. Olhara para frente com as mãos em binóculo, dissera palavras incompreensíveis, e o que não entendia em seu comportamento de criança me fazia alucinar meu próprio destino, uma realidade feita, assim, de partes, dita pelas mãos da criança, mais intangível que todas as mortes ali vivificadas.

Atordoava-me também o que passei a sentir olhando aquele molho de chaves velhas, enfiadas no arame retorcido, muito maior que aquelas mãos. Mas eu sabia de onde eram, que portas abriam. Não sabia se poderia voltar lá, se teria leveza suficiente para ultrapassar aquela porta

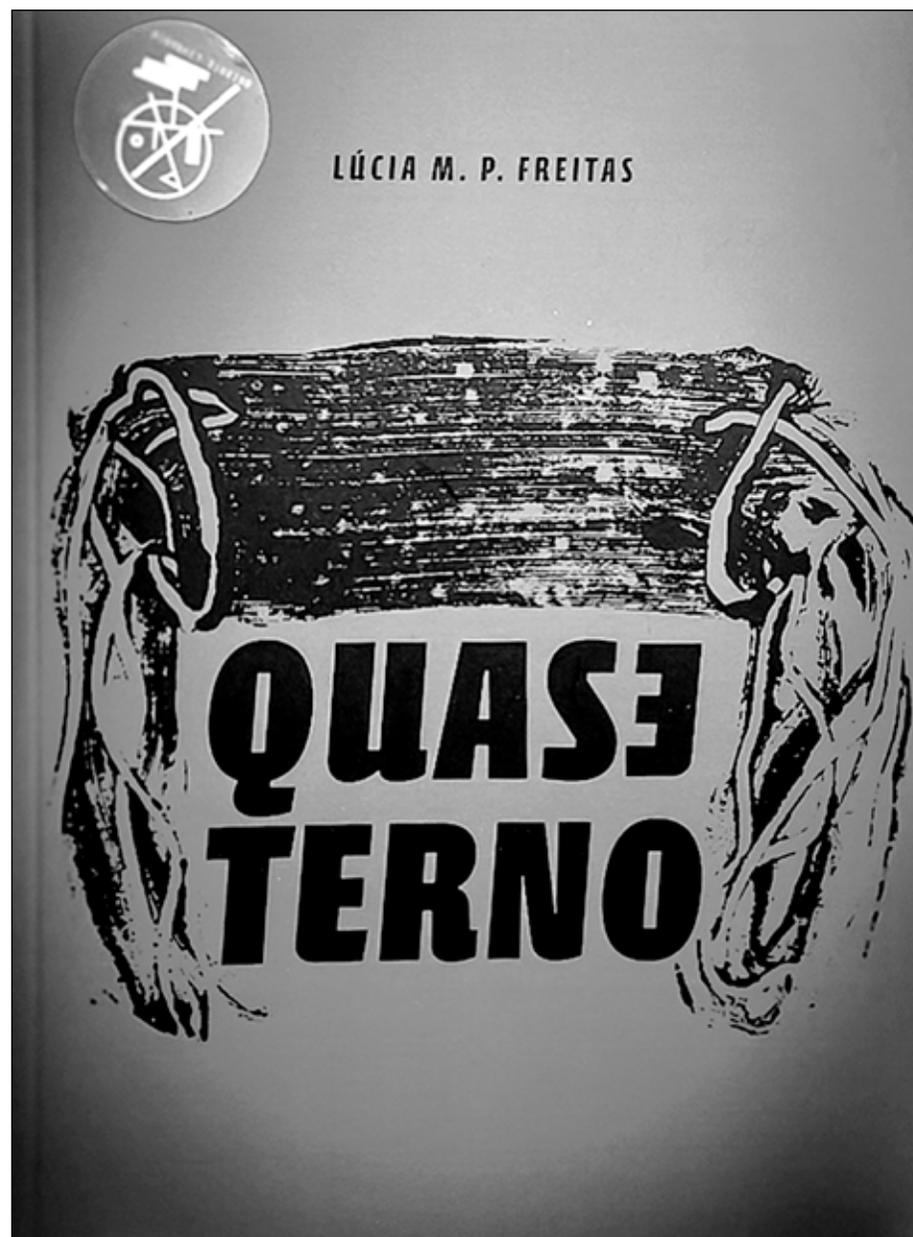
sem deixar que aquilo que em mim cristalizara explodisse de vez. Não sabia se poderia conter os diques, se meu corpo não seria tomado de um furor epilético diante de tanta força. Sentia a onda que vinha e foi assim que consegui tocar aquelas chaves, tê-las nas mãos zunindo como enxame de abelhas, sentindo meu corpo movimentando-se como bando de araras de plumas ininteligíveis; fui vivendo um movimento que vinha dos meus ossos tornando-se elásticos, tudo em mim plástico, escultural, movimento puro, cuspiendo pedras escuras que estiveram agarradas nos meus ossos peitorais.

Não havia música, mas meu corpo dançava, podia sentir meu tutano fluir pelos ossos como sangue nas veias, eu ia morrer, as chaves fazendo algazarra de vozes cada vez mais claras, a criança morrendo de rir, e ele também estava lá, me olhando meio rindo, divertindo-se com meu terror, minha desorientação. Levantou-se com tanta graça que parecia voar, rindo, apontando o dedo para mim e rindo, e tudo foi dando voltas e reviravoltas no ar, tudo circulando no espaço, e nunca paramos desde então. De vez em quando, me lembro do dia em que descobri que não sabia desenhar.

Então olho para João se defendendo no juízo final, mudando de lugar sorrateiramente, pois tem dúvidas se no céu esquerda é esquerda e direita é direita. Está convencido de que tudo aquilo que passamos a viver a partir das reviravoltas só pode significar a morte e o juízo. Nós, os outros, nos divertimos por não saber nada e com nosso labor intenso e profundo por causa disso.

Às vezes nos misturamos, os outros quatro, nos fingimos de Deus para João e ele enlouquece com o que ele percebe de cada um de nós nesse deus. Olhamos maldosamente para seus pés de meias marrons e então ele se ajoelha simulando contrição, e deus dá gargalhadas imensas, mais olímpicas que divinas.

Temos medo, é claro, de nos cobrarem desenhos, histórias, mas aí nos misturamos mais, voando como borboletas, flor, ou não, ou flor, ou não...



## LÚCIA FREITAS

é formada em direito pela UFMG. Poeta, contista e pesquisadora, tem trabalhos dedicados às escritoras Emily Dickinson, Sylvia Plath, Virginia Woolf, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Ana Cristina César.

# 5 POEMAS DE JORGE EMIL

## HIPÓTESE

Olhar o chão do banheiro  
é pensar que o pesadelo  
é pensar que o mundo inteiro  
pode acabar em cabelo,  
mais que em fogo ou em gelo.

Vento revolve o terreiro.  
Vai-se formando um novelo  
que sai rolando, ligeiro.  
(Mais de três milhões de pelos  
em uma só cabeleira!)

Abre-se o sétimo selo.  
O camelo passa pelo  
buraco da agulha e ei-lo  
sobre um fio de cabelo  
entre zilhões no palheiro.

## COMO SE NÃO

Contando com os acréscimos,  
crescemos, quem sabe, décimos.  
Mas, como se não soubéssemos  
que não passamos de péssimos,  
prossequimos sereníssimos,  
sabendo que, em suma, somos  
como se não existíssemos.

## 'O SEGUNDO COLOCADO É O PRIMEIRO PERDEDOR'

o número 1 da Fórmula 1 afirmou,  
é forçoso admitir, com muito humor.  
Sim, só dá pé pra quem está na dianteira.  
A todo o resto, o que se dá é pé na bunda.  
Quisera ser profundamente de primeira.  
Sou, porém, primordialmente de segunda,  
segundo o veredicto de um terceiro  
que se crê terceirizado e autorizado  
por algum tribunal da trindade divina,  
também tratada como divindade trina,  
una e velha como esse velho e bom  
aparelho de som do tipo 3 em 1  
a tocar bem alto o quarteto de cordas  
que te põe de quatro mas a mim me acorda  
e me encoraja a querer cobrar o quinto  
lá nos infernos de quinta categoria  
onde o sexto sentido acusa que há  
meia dúzia de bichos de sete cabeças  
julgando-se legião e jurando guardar  
um sétimo céu muito além de sete palmos.

## EDIFÍCIO PSÍQUICO

A Inveja é só vileza. Veja que desonesta:  
à espera da ocasião, ela espreita pelas frestas  
do porão, sempre prestes a enfiar a mão.  
ao nível da rua e causar o tropeção, o berro,  
a queda no barro e a cara no chão. No térreo,  
a Misanthropia filtra e barra, porteiro férreo;  
ninguém entra, ninguém tenta, sem autorização.  
Luxúria abriu um café de luxo na sobreloja,  
para onde a Gula foge e dissipa suas posses.  
A Dor, espécie de inspetor em transe, transita  
incessante pela escada, e não pelo elevador,  
tentando desfalecer de exaustão e estupor  
(por motivo de peso excessivo da Preguiça,  
elevadas vezes esse elevador enguiça).  
Em seu andar, o Orgulho pisa em falso, dança valsas  
ou então pega pesado e marcha, muito macho;  
não recebe reclamações do vizinho de baixo,  
porque ele é o Medo, chefe da segurança.  
A Coragem nunca obtém nem vaga na garagem,  
porém o Ódio, aquartelado em quatro pisos,  
quebra de quando em quando o quadro de avisos.  
É pena que ninguém se veja na penumbra, cruze!  
A Avareza esmaga despesas quando apaga as luzes.  
No canto mais escuro do quatinho de limpeza,  
o que lampeja talvez seja a Compaixão, que dó!,  
entre o balde, o alvejante e o sabão em pó.  
O Amor cuida da carga de cada extintor  
e das saídas de emergência, enquanto a Culpa  
ocupa a cúpula, de onde a tudo administra,  
desfrutando de uma vista muito vasta e sinistra.

## RECURSOS ENERGÉTICOS DE EMERGÊNCIA

O esqueleto estagnado em sua área  
esqueceu qual é o jeito de andar e a  
vista não reconhece nem cor primária.  
Já não existe miséria que altere o  
que o cérebro expulsou para o espaço aéreo.  
Mas, até que um prodígio cure-a, ou fure-a,  
que fonte de força ainda é a fúria!  
É necessário evitar que se evapore o  
volume morto desse reservatório  
de águas passadas sobre o pior da história  
pra que o olho chore a mágoa e explore-a  
ao máximo. A mágoa mantém a memória.

## JORGE EMIL

é mineiro de Caratinga. Ator premiado por seu desempenho em *Ricardo III*, de Shakespeare, já realizou mais de 30 espetáculos. Publicou os livros de poesia *O dia múltiplo* (2000), *Pequeno arsenal* (2004), *O olho itinerante* (2012) e o infantojuvenil *A volta do garoto* (2013).

# MUNDO ATRÁS DA CORTINA DE FERRO

JOAQUIM BRANCO

**H**oje poucos devem-se lembrar da expressão “Cortina de Ferro”, utilizada pelo ocidente para caracterizar negativamente o bloco dos países socialistas da Europa Oriental, nos tempos da Guerra Fria que envolveu Estados Unidos e Rússia (ex-União Soviética). Ela indicava uma espécie de separação virtual entre o mundo “livre”, capitalista, e as nações “comunistas”.

O próprio significado da expressão já denota o grau de mistério e terror que a propaganda anticomunista procurava infundir aos povos subdesenvolvidos (em especial) com relação aos países socialistas. Foi nessa época – 1955 – que Francisco Inácio Peixoto e sua mulher dona Amelinha fizeram uma viagem à antiga União Soviética e à Tchecoslováquia, e na volta não puderam passar pelos Estados Unidos, devido ao visto carimbado em seus passaportes pelos “comunistas”. Foi necessária essa introdução, especialmente para os mais jovens, que não viveram os anos temerários da Guerra Fria.

Dessa viagem resultou o livro *Passaporte Proibido* (Ed. Simões, 1960), escrito e publicado cinco anos depois por Francisco Inácio, e um dos melhores roteiros de viagens que já lemos. Através dele, o leitor pode conhecer a paisagem e algo do povo russo, dos “espões” nas esquinas moscovitas à comida, das viagens de trem à amabilidade e aos hábitos das pessoas que encontrou.

Mas, além de tudo, o ponto alto do livro é a sua concretização como texto. Fica-nos sempre na lembrança a imagem daqueles livros de que não se pode retirar ou acrescentar uma linha sequer. Um texto essencialmente poético, onde fina ironia faz compasso com a divisão perfeita dos capítulos e os diálogos com as observações sempre pertinentes sobre o que o autor viu e anotou. A leitura do livro, prazerosa e enriquecedora, nos revela não só a terra soviética e a tcheca, como também a finura de um exímio estilista.

No primeiro fragmento selecionado, a descrição rápida do hotel em Praga deixa entrever a ironia com que o autor responde aos apelos da antipropaganda disseminada pelos norte-americanos contra os ‘inimigos’ do leste: “No Hotel Alcron, a tarde é triste. No grande salão sombrio, há mulheres suspeitas e, positivamente, conspiradores internacionais que aumentam nossa emoção.”

No capítulo “No futebol, com Ludmila”, quando vão a um estádio para ver um jogo, a frase descreve o amor pela paz universal, sintetizada na palavra “Mir”, que em russo significa “Paz”: “(...) desfraldando bandeiras e flâmulas. Numa delas, em muitas delas, em letras vermelhas, a palavra nunca esquecida: “Mir”. Paz, asas.”

Em visita a uma adega e na recepção calorosa que receberam: “Mais safras houvera, mais prováramos, pois a adega é fria; a hospitalidade, antiga; as obras, demoradas e o vinho, um veludo. Dos sorrisos, entretanto, optamos por aquele que umedece negros olhos caucasianos.”

No retorno à Tchecoslováquia, Peixoto narra, em Bratislava, o jantar com o escritor Wladmir Olerini, e, depois das conversas iniciais à mesa, aproveita para fechar o diálogo com esta observação: “Quanto ao Danúbio, já dormia. Tarde, não há mais nada a fazer, senão jantar e dormir também.”

Na despedida de Bratislava, volta a referência ao Danúbio: “Primeira descoberta: o Danúbio não é azul. Suas águas são cinzentas, como se rolassem num leito de tabatinga.”

O turista, muito longe da terra natal, descobre no comércio a lembrança brasileira, em pequeno capítulo denominado “Saudade, apenas”: “A mercearia exhibe, na vitrina, os dois saquinhos de café com as indicações ‘Minas’ e ‘Santos’, trazendo secretas e profundas nostalgias às almas dos turistas.”

A breve visita a Praga, na atual República Tcheca revela o cumprimento carinhoso à velha cidade: “Estes, a quem ausência e regresso repetidos já conferem sentimentos de

cidadania, te cumprimentam: – Bom dia, cem torres! Moldau, bom dia! É bom volver à tua primavera, Praga, reconhecê-la, ainda que se esconda na negrura e solidão de tuas noites.”

São belas e impressionistas as descrições que o escritor faz da cidade de Moscou e do cotidiano vivido lá no meio do povo, em seu primeiro dia de visita: “(...) Atravessamos a Praça Vermelha e contornamos as muralhas do Kremlin, até onde se avista o plácido Moskva, com suas ilhotas flutuantes de neve suja, descendo na correnteza. Na avenida marginal, as crianças do jardim da infância passam por nós como bichinhos desconfiados. Mais além, a fileira de ferroviários que se formou para a visita ao Kremlin, nem se dá conta de que invejamos sua alegria palreira e ingênua. As mulheres, de lenços na cabeça, riem com dentes de ouro, os homens de boné riem. (...)”

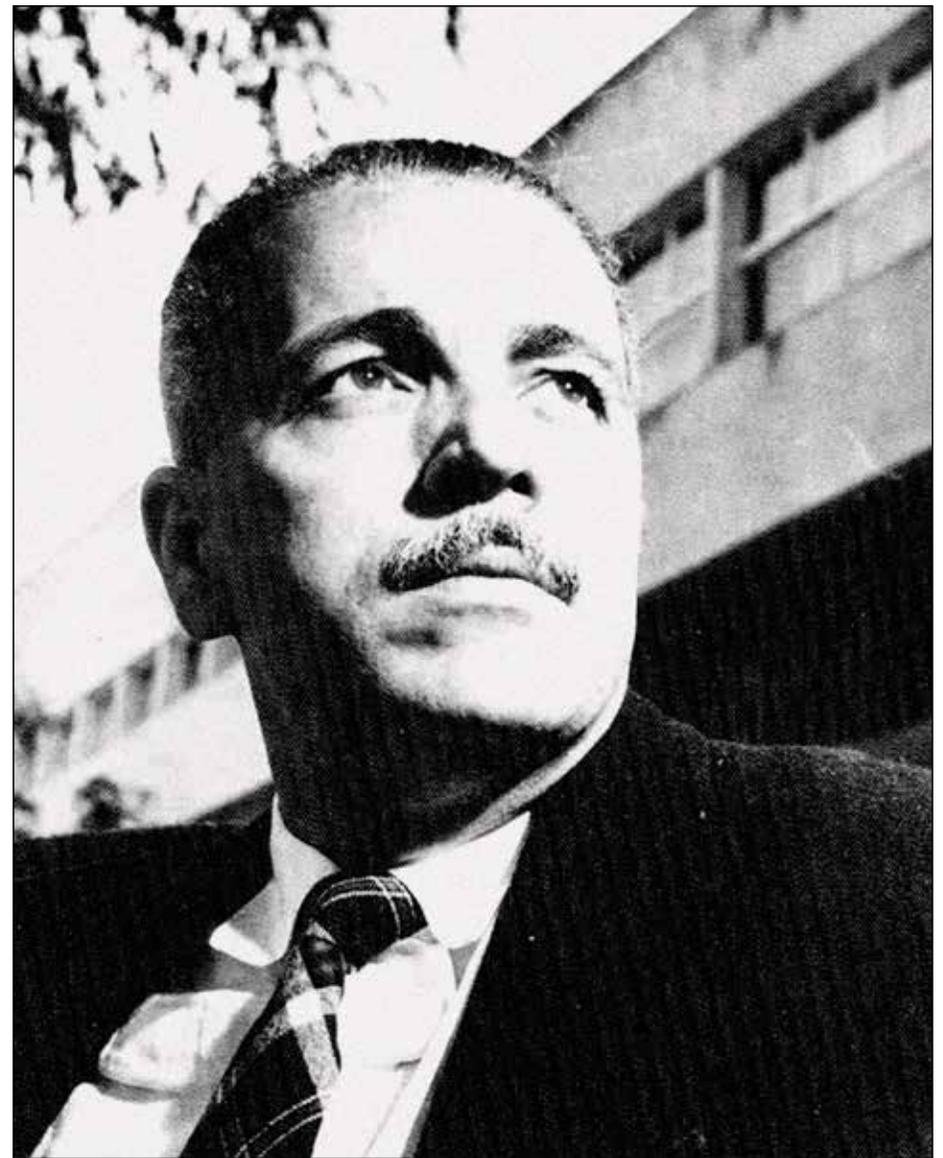
Passeando pelas ruas, em liberdade, sentindo-se um ‘fora-da-lei’, viu um povo tranquilo e receptivo: “Havia uma semana que estávamos em Moscou, num “à vontade” de colegas em férias. Às vezes desacompanhados de nossos intérpretes, íamos à toa pelas ruas. Desapontava-nos o fato de não estarmos sendo seguidos (tanto pode a contrapropaganda sistemática!). Era, pois, sempre com uma ligeira emoção de “out-laws”, de quem se lançou em perigosa aventura, que saíamos para esses passeios solitários. E se nos sovertêssemos de um momento para outro, raptados pelos ferozes organismos da polícia soviética, suspeitosos de nosso caderninho de notas e de nossa curiosidade peripatética? Mas, não houve espões nas manhãs e nas tardes moscovitas. O povo, esse, se mostrava pacato e, sempre que com ele nos pusemos em contato, hospitaleiro e acolhedor. Sozinhos andamos e sozinhos chegamos a comprar (milagres da mais pura mímica!) uma canção que nos enlevara, um par de meias e um colorido gorro do Uzbequistão.”

No trem noturno para Leningrado, em companhia de duas russas que se tornaram amigas, Francisco e Amelinha viveram novas emoções: “Vera e Ludmila partiram conosco para Leningrado. Deixaram-nos à porta da cabina, onde ainda levamos tempo parolando, e já o trem andava a quilômetros de Moscou quando nos separamos para ir dormir. Mas, não dormimos logo, que é sempre triste a partida, mesmo sem termos de quem nos despedir, e a noite é fermento para cismas doidas. Quando estas crescem, assim, em terra estranha, mais triste é o contraponto das rodas rodando nos trilhos e mais pungente o apito da locomotiva. Apagamos a luz do abajur e só ficou o rádio tocando baixinho, no escuro, uma perdida canção. Acordamos com um hino, quando já era madrugada lá fora, nas bétulas e nos pinheiros, nas estepes regadas de orvalho. Que riacho é este? Duas mulheres apanham água na bica, uma cerca ao fundo, um homem olhando o trem passar, três casinhas na estrada tortuosa, três crianças, o cachorro latindo, a estação vazia. Por que esta paisagem in-característica, e não outra, permanece indelével na memória? Vera bate à porta, trazendo-nos um embrulho de sanduíches e laranjas. No trem noturno só servem o copo de chá quente, que a camareira nos oferece na bandeja, com os cubos de açúcar. Outra vez: próspera e previdente Vera!”

Finalizamos com o capítulo denominado “Despedida e regresso”, que retrata o fim da viagem, de rápida e rara beleza plástica, fechando numa

tomada tipicamente cinematográfica: “ (...) Para acalmar a nossa excitação, servem-nos carne defumada com “knedlik”. E bebemos, de Pilsen, a subornadora Prazdroj. No dia seguinte partimos. Da janela do trem que nos levaria a Viena, vamos vendo, cada vez mais embaciados, os vultos de Jitika, de Frantisek, de Gabriel, que nos acenam da plataforma. Uma curva súbita, e os três desaparecem. Para sempre.”

Há muitas outras passagens interessantes no livro, que fala de economia, de política, de literatura, em tempero de humor e lirismo, mas, de tudo isso, preferimos os fragmentos que extraímos do texto e as impressões que ficaram desse vivo retrato de dois povos admiráveis.



O escritor Francisco Inácio Peixoto (1909-1986), natural de Cataguases

#### JOAQUIM BRANCO

mineiro de Cataguases, é poeta e professor de Literatura Brasileira e doutor em Literatura pela UERJ. Publicou *Passagem para a Modernidade*, *Refugiados* e outros livros.

# MEMÓRIAS DE UM MESTRE MINEIRO

CONTO DE FLÁVIO R. KOTHE

Tornar-se pai é fácil; ser pai, difícil. Fui um jovem revolucionário, participei da Revolução de 1930, Getúlio me premiou com um cargo num tribunal e uma cátedra na universidade. Hoje sou um velho reacionário, minha aposentadoria do Tribunal é três vezes maior que a de professor. Tendo tido os meus choques com a assim chamada Geração de 1968, tenho feito algumas anotações: se não as fizer, a história nelas contida há de se perder como se não tivesse existido. Na estória pode haver uma síntese da grande história, ou ao menos uma sinédoque.

Tive muitos alunos, mas apenas um gênio. Foi aquele que eu pior tratei. Até tentei me aproximar dele, mas ele me repeliu. Era um jovem esperto, descendente de colonos, gente de que eu não gosto, líder estudantil, frequentava dois ou três cursos, não se envolvia com nenhum. Ficava dançando entre Direito, Letras, Filosofia, Ciências Políticas.

Ele era o filho que eu quisera ter tido, tão diferente dos dois que tive. Por isso eu talvez tenha visto nele o que nele não havia. Um filho meu se tornou homossexual, talvez para me incomodar. Um dia um grupo de valentões o pegou na saída de um bar e deu-lhe uma surra tão grande que ele se tornou tetraplégico. Formado em Direito, tenho de cuidar dele em meu apartamento. O mais novo sofre de ataques de loucura, fica furioso e grita, já destruiu três vezes parte da minha biblioteca. Acho que não mereci ter os filhos que tive. Se soubesse, não os teria tido.

Por isso, quando em 1967 me apareceu aquele rapaz bonito e inteligente, de cabelos compridos e barbudo, o que fiz, tendo eu recém retornado de dois anos em Coimbra como professor visitante, foi falar mal do desleixo dos

estudantes brasileiros, que não usavam as batas dos lusitanos nem se punham de pé quando o professor entrava na sala. Disse até que tinha vergonha de dar aula para eles. Na terceira vez que eu disse isso, levantou-se esse rapaz e disse que, como representante de turma, tinha de protestar contra as ofensas aos alunos brasileiros, que estavam tendo de enfrentar precocemente uma ditadura militar, enquanto os coimbrenses continuavam aceitando o salazarismo. Eu mandei que se sentasse, pois não sabia do que falava.

Sim, os rapazes vinham malvestidos, não faziam a barba, deixavam crescer os cabelos, eram desbocados, enquanto as mocinhas vinham bem arrumadas, estavam fazendo um curso de noivado. Um colega inglês estava encantado com elas, dizia que elas vinham para a faculdade como para um evento social, que na Inglaterra não era assim. Três anos antes, eu havia reparado num outro rapaz que, desde o primeiro dia como aluno, aparecia vestido com terno e gravata: mostrava que pertencia à elite local e, assim, convidei-o a ser meu assistente. Ele nunca seria mais que isso e jamais me apunhalaria pela frente como aquele outro, cujo nome prefiro não citar.

Esse meu assistente havia me instruído sobre esse rapaz loiro e alto, dizendo que era um comunista. Quando ele me apareceu para a primeira entrevista, perguntei:

– Já leu A quinta coluna no Brasil, do Aurélio Py, o chefe do serviço de segurança política do Rio Grande do Sul?

– Não, mas vou ler, ouvi dizer que fala das 3000 escolas fechadas por aqui em 1938. Vou ler, me interessa.

– Já leu A locomotiva, do Afonso Schmidt?

– Li, é sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo, uma obra bem-intencionada, mas de terceira categoria.

– Você vai fazer uma pesquisa sobre a poesia de língua alemã aqui no Sul, procure nos arquivos e bibliotecas.

– E quem vai me pagar por isso? Achei que eu poderia sugerir o tema. Estou interessado no mulato Lima Barreto, como um ponto de vista político e social diferentes dos autores da oligarquia latifundiária.

– Não quer logo compará-lo a Machado de Assis?

– Poderia, mas isso seria mais que um trabalho de semestre. Machado escreve melhor, mas esse mulato se identificou com a oligarquia escravagista, até foi branqueando com o tempo.

E aquele garoto, que não tinha vinte anos, deu uma risada, como se estivesse rindo de mim. Sem dizer mais nada, fiz sinal para que se retirasse. Quinze dias depois ele me entregou um paper de umas quinze páginas. Era sobre Lima Barreto, não sobre a poesia gaúcha de língua alemã. Fiquei com raiva, nem li, dei-lhe a nota cinco, para me livrar dele. Depois eu soube que ele havia enviado o trabalho para um prêmio nacional e tinha sido classificado entre os melhores. A vingança dele foi não me dizer nada.

Percebi que havia mais professores que não gostavam dele. Um deles havia apresentado uma nova teoria da língua portuguesa, pela qual quanto mais emoção maior seria o número de palavras e interjeições, ao que esse rapazinho havia perguntado se o máximo de emoção não levaria ao silêncio. Com uma pergunta ele parecia demolir a elucubração de uma vida inteira.

O rapaz nem percebia os ódios que provocava. Também não os amores: nunca o vi de mãos dadas com uma namorada, não parecia homossexual, mas dava a entender que não pensava em casar e montar família. Ele nem parecia preocupado em conseguir uma profissão.

Estava eu um dia exaltando as qualidades de O Uruguai, dizendo que não devia ser confundido com o Uruguai, país ou rio, obra em que Basílio da Gama decantava a destruição dos índios primitivos pelo princípio civilizatório representado pelas tropas ibéricas do Tratado de Madri, que protegiam os interesses lusitanos e espanhóis contra os jesuítas que haviam tentado montar um reino próprio. Exaltei o general português Gomes Freire de Andrade. Falei mal de Cacambo e Sepé Tiaraju, fiquei comovido até as lágrimas ao citar o mais lindo verso da língua portuguesa sobre a morte de Lindóia: “tanto era bela em seu rosto a morte”, quando aquele rapazinho, o sem nome, ergueu a mão e perguntou:

– Era verde a cobra que picou Lindóia?

– Era.

– Cobra verde não tem veneno, ao menos não para matar uma pessoa. Nossa Cleópatra do mato sabia disso e não ia cometer um erro assim. O autor estava falando do que ele não conhecia, nunca andou por aqui. Os ibéricos vieram aqui com armas de fogo e fizeram um imenso genocídio. Esse Basílio é um calhorda ao exaltar um genocídio colonialista. Mataram milhares e milhares de índios, para aí se dizer que a índia se suicida, como se os índios tivessem morrido porque queriam. Isso é literatura portuguesa, não brasileira, de exaltação do imperialismo lusitano, como Os lusíadas. Exaltar um general genocida português! Aqui!

– Isso era uma licença poética.

– Não, uma indecência nada poética. Que seus alunos de Coimbra gostassem de ouvir isso, vá lá, mas nós aqui não. Nós estamos com os índios.

– Seus antepassados vieram ocupar essas terras aqui.

– Mas eles não mataram os índios. Não podem ser culpados disso, como um cristão atual não deveria estar sendo culpado pela morte de Cristo. Dizer que a morte da índia foi boa para

Mataram milhares e  
milhares de índios, para  
aí se dizer que a índia  
se suicida, como se os  
índios tivessem morrido  
porque queriam. Isso é  
literatura portuguesa,  
não brasileira, de  
exaltação do imperialismo  
lusitano, como Os  
lusíadas. Exaltar  
um general genocida  
português! Aqui!

ela ficar mais bonita, isso é endossar o genocídio. Os índios não se suicidaram, eles foram mortos, em massa. Milhares e milhares. Assim como Basílio da Gama não sabia da cobra verde, talvez nem soubesse ao certo o nome Uruguai. Ele se vendeu para Pombal, que expulsou os jesuítas e não colocou outros professores no lugar deles. Que iluminista era esse!

– O senhor coloca a grande epopeia d’Os lusíadas sob suspeita?

– Propaganda de Estado, encomendada pelo rei, para exaltar o expansionismo português. Vasco da Gama queria um tratado com o rei de Melinde, oferecendo cobertura militar em troca de especiarias. A caravela era um porta-aviões da época.

– O senhor suspeita da poesia?

– Camões era um vendido. Como Virgílio foi na Eneida, feita por encomenda, para dizer que a família Júlia deveria governar Roma, já que descenderia de Iulo, um suposto fundador de Roma, filho de Eneias, um troiano, para provar que os romanos deviam ter invadido a Grécia como vingança e os cartagineses seriam os ressentidos descendentes de Dido, largada por

Eneias. Ora, havia pelo menos 300 anos de diferença entre Eneias e Dido!

– Olha só!

– Camões cometeu o erro de escrever uma epopeia numa época em que já havia imprensa, as obras não eram mais decoradas e declamadas por rapsodos. Mais certo esteve Cervantes, que escreveu um grande romance, que os senhores não nos ensinam. As únicas partes que se salvam na epopeia de Camões são as partes romanescas: Inês de Castro, o Velho do Restelo, a Ilha dos Amores!

– Então o senhor suspeitaria também da Mensagem?

– Essa obra é a pior de Fernando Pessoa. Uma exaltação do imperialismo lusitano. Perguntar ao mar “quanto do teu sal são lágrimas de Portugal?”, querendo que se suponha que os oceanos são salgados por causa dos sacrifícios dos portugueses?! Ora! Portugueses poderiam passar séculos chorando à beira do Atlântico que não faria a menor diferença. Pessoa era um fascista. Eu não aceito fascistas.

– Esse julgamento é moral, ao seu modo, não estético.

– O estético serve para encobrir a moral. Até escritores portugueses que se dizem de esquerda são imperialistas, querem de volta o grande império, o controle sobre o mundo. E seus descendentes no Brasil querem isso aqui. A literatura brasileira não deriva da portuguesa, e sim da espanhola, da italiana, da francesa, da alemã, da russa, da americana. Apenas a língua foi imposta à força. Os brasileiros sempre tiveram outros centros culturais que não Portugal como referência. A literatura portuguesa é uma literatura menor.

– O senhor é muito petulante e pedante, não sabe do que fala!

Fiquei com raiva, perplexo diante de toda essa explosão. Mandei que ele se retirasse da sala. Ele saiu, com a cabeça baixa. Nenhum colega se manifestou. Todos queriam ter uma boa nota, obter o diploma, se dar bem. A verdade era o que menos importava. Coitados, seriam professores de ginásio e iriam repetir o que eu estava doutrinando. Eu sentia desprezo por eles, mas também desprezo por mim, por estar aí com eles.

Nunca me ocorrera ver Basílio dessa perspectiva. Ela me parecia inaceitável. Como é que ele via o que eu não via? Coloquei o meu assistente a lecionar para aquela turma, eu não queria mais ver esse rapaz.

Sem vê-lo mais em sala, passei a odiá-lo ainda mais. Assim, por negativas vias, ele se aproximou dos meus filhos. Descarreguei nele o ódio que eu não podia descarregar nos filhos com os quais convivia. Era estranho eu me sentir assim, envolvido por um afeto. Alunos não tinham, para mim, nem nome nem rosto. Entre meus colegas havia muita vaidade, gente que se sentia melhor do que era, “gênios” que esperavam reconhecimento póstero. Talvez eu tivesse sido um deles se os filhos que tive não me ensinassem minha fraqueza.

O ingresso no ensino superior se dava por convite do catedrático. Nenhum catedrático queria aquele desbocado como assistente. Tive o prazer de ver como estava sendo rejeitado. Vi um dia o rapazote com um livro meu na mão. Nada comentou. Era como se tivesse piedade do que teria de me dizer. Um tipo como ele talvez viesse a escrever o que eu sempre quisera e nunca havia conseguido. Ele era uma sombra que pesava em mim.

Sendo eu catedrático, seria absurdo convidar como assistente quem pudesse me questionar e superar. Queríamos carregadores de pasta, sem

exagero na burrice. Sei, não há mais cátedra. As oligarquias locais controlam as universidades. Hoje se faz concurso, mas quem controla o concurso é o departamento, e sempre há um grupo que o controla. A média é mediana, para não dizer medíocre. A universidade brasileira não fomenta gênios ímpares: prefere “pares”. Por mais que mudem as aparências, continua a oligarquia absoluta.

Estranhamente, comecei a ter pena do marginal, sempre a usar o mesmo casaco surrado. Um dia ele estava caminhando à minha frente, na direção do restaurante universitário. Era o caminho para minha morada. Chamei-o e, quando o vi ao meu lado, eu não quis acreditar nas palavras que me ouvi dizer:

– Você é o filho que eu gostaria de ter tido!

– Pai ruim já tive um, não preciso de dois.

Percebendo o meu choque, ele explicou que o pai era um alcoólatra sádico, que só queria saber de farrear. Mais não disse. O pai dele não devia nem ter percebido o filho que tinha. Expliquei então, por alto, os filhos que eu tinha, não eram os que eu quisera ter tido, mas tinha de me arranjar. Assim chegamos à entrada do restaurante universitário e ele se despediu.

Eu soube depois que ele havia conseguido uma bolsa para a Alemanha, junto com dois colegas de origem alemã. Quando já estavam em Munique há mais de um ano, a comunidade

israelita da nossa cidade encaminhou ao governo alemão uma reclamação, de que estaria fazendo uma política nazista ao dar bolsa para descendentes de alemães. O que ela não disse é que não queria que três jovens doutores viessem disputar as vagas que ela queria para a sua gente na nossa universidade. O governo alemão, não querendo se incomodar, cortou as bolsas. Eu soube que o nosso rapazinho tentou sobreviver vendendo flores, mas foi preso porque não tinha licença para trabalhar. Ele deveria ser então deportado para o Brasil. Era a época do governo Médiçi. Os estudantes alemães protestaram, contrataram um advogado, impediram a deportação.

Poucos anos depois, houve um concurso para a nossa área. Eu queria regularizar a situação dos meus dois assistentes. Abri duas vagas. Quando vi, havia se inscrito o nosso rapazinho. Combinamos então fazer as provas sem que ninguém mais soubesse. Ele não compareceu e perdeu a chance. Tomamos o cuidado de enviar uma correspondência para ele avisando a data e o local da prova, mas que devia chegar com atraso e onde ele não estava. Eu sabia que ele não tinha dinheiro para contratar advogado. Parece que voltou ao exterior, talvez seja leitor numa escola qualquer. Assim me livreí dele, não me livreí da lembrança que me ficou. Aqui, agora, me livro dela também.

# MASSAUD MOISÉS

## UMA VIDA CONSAGRADA AO ENSINO DAS LETRAS

ADELTO GONÇALVES

### I

Duvidar de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C) é sempre necessário, ainda que seja, para mais tarde, concordar com ele. Essa frase ouvi em 1994 do professor Massaud Moisés (1928-2018), quando, ao lhe fazer um relatório verbal de minhas pesquisas nos arquivos de Portugal sobre a vida e a obra de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), mostrei-lhe a fotocópia de um documento que consta do Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, que provava que o lisboeta Alexandre Roberto Mascarenhas morrera em 1793, no mesmo ano do casamento de sua filha com o poeta.

Portanto, ao casar com Juliana de Sousa Mascarenhas, uma jovem analfabeta de 19 anos de idade, Gonzaga não teria tido a oportunidade de ajudar o sogro a aumentar sua fortuna, como apançara o professor e filólogo português M. Rodrigues Lapa (1897-1989), para quem o poeta casara “com a herdeira da casa mais opulenta de Moçambique em negócios de escravatura” e ainda consagrara “as horas vagas ao comércio de escravos”.

Morto aos 42 anos de idade, Mascarenhas, que era escrivão do juízo na provedoria-mor da fazenda de defuntos e ausentes e subordinado do promotor Gonzaga, nunca se envolveria no comércio negreiro. Era proprietário de uma casa à Rua do Largo da Saúde, na ilha de Moçambique, onde Gonzaga passou a morar com a mulher, e de uma machamba (plantação de mandioca) na Cabaceira Grande, no continente fronteiriço à ilha, que obtivera pelo casamento com Ana Maria de Sousa.

O pequeno número de escravos que tinha seria para o trabalho no luane (casa senhorial e seus anexos), mas não para o tráfico, pois os grandes traficantes sempre aparecem na documentação da época como proprietários de centenas. Ou seja, o casamento pode ter representado um desafogo nas finanças do degredado, mas não foi suficiente para torná-lo um potentado.

Mas, claro, colocar em xeque o que o doutor Rodrigues Lapa, professor catedrático da Universidade de Lisboa, deixara escrito era uma responsabilidade muito grande. E o apoio do professor doutor Massaud foi decisivo para que o meu trabalho de doutoramento em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) alcançasse êxito. Lembro isso porque, há pouco tempo, dia 11 de abril, deu-se o falecimento do meu antigo orientador, vítima de acidente vascular cerebral (AVC), dois dias depois de completar 90 anos de idade.

### II

A minha atividade acadêmica sob a orientação segura, mas dessa vez informal, do professor Massaud Moisés continuou, quando, em 1998, decidi pedir à Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp) uma bolsa de pós-doutoramento para pesquisar a vida e a obra do poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805), de que resultaria a biografia *Bocage: o Perfil Perdido*, publicada em 2003 pela Editorial Caminho, de Lisboa.

À época, seu bom senso e equilíbrio foram fundamentais para a concessão da bolsa, pois, contrariado com uma colocação despropositada de um parecerista, redigi uma resposta contundente que,



O professor levantou com seus numerosos alunos as questões mais candentes da problemática literária e passou suas reflexões para mais de 20 livros, quase todos na área didática. Num país caracterizado por seus altos índices de analfabetismo funcional, foi um autor bafejado por sucessivas edições

fatalmente, o teria levado a recomendar que meu pedido fosse denegado. Por sugestão do professor Massaud, optei por uma resposta polida e contemporizadora. Mais: por indicação dele, contei em Portugal com a supervisão do professor Fernando Cristóvão, professor catedrático de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que me faria boas indicações e sugestões de leitura e pesquisa, além de, mais tarde, escrever o prefácio do livro.

### III

Um dos mais eminentes professores e pesquisadores nas áreas de teoria literária, de literatura portuguesa e de literatura brasileira, igualmente reconhecido em Portugal e demais países de língua portuguesa, Massaud Moisés teve uma existência quase exclusivamente consagrada às Letras. A rigor, sua vida acadêmica teve início em março de 1952, quando começou sua atividade docente nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da USP e da Universidade Mackenzie. A par de sua atividade em sala de aula, foi autor de ensaios didáticos fundamentais para quem pretende se aprofundar no estudo das letras lusófonas.

É de se lembrar que os estudos de Literatura Portuguesa foram introduzidos na USP a partir do final da década de 1930 pelas mãos do professor português Fidelino de Figueiredo (1888-1967), que foi sucedido pelo professor Antônio Soares Amora (1917-1999), que havia sido seu discípulo. O trabalho de pesquisa de ambos, de certo modo, seria continuado por Massaud Moisés, discípulo de Figueiredo e Amora.

Desde então, o professor levantou com seus numerosos alunos as questões mais candentes da problemática literária e passou suas reflexões para mais de 20 livros, quase todos na área didática. Num país caracterizado por seus altos índices de analfabetismo funcional, foi um autor bafejado por sucessivas edições. Só *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*, lançado em 1968 pela Editora Cultrix, de São Paulo, já havia chegado a sua 33ª edição em 2012, adotado, praticamente de maneira unânime, por todos os professores de Literatura Portuguesa do ensino médio e universitário, muitos deles ex-alunos do mestre. Nas mesmas pegadas, *A Literatura Brasileira Através dos Textos*, de 1971, da mesma editora, alcançou a sua 29ª edição em 2012.

Outro campeão de vendas, o livro *A Criação Literária*, lançado em 1967 pela Editora Melhoramentos, de São Paulo, foi depois dividido em dois volumes dedicados à prosa e um à poesia e chegou a 20ª edição em 2006 pela Cultrix, tendo sido novamente unificado em 2012, quando alcançou a segunda edição nesse formato. Já o *Dicionário de Termos Literários*, obra que este articulista consulta sempre que tem a oportunidade de escrever recensão de algum livro de poesia, publicada pela primeira vez em 1974 pela Cultrix, alcançou a sua 16ª edição em 2013.

Massaud Moisés foi ainda autor de outros livros nas áreas de literatura portuguesa e brasileira e de teoria literária, como *A Literatura Portuguesa* (1960); *Literatura: Mundo e Forma* (1982); a monumental *História de Literatura Brasileira*, em cinco volumes, lançada entre 1983 e 1989 e reeditada em 2001, em que se encontram capítulos sobre o Romantismo, o Realismo, o Simbolismo e o Modernismo; o *Guia Prático de Análise Literária* (1969), obra fundamental para quem pretende se lançar ao trabalho de análise de um texto literário, que, a partir da quarta edição, passou a se chamar apenas *Análise Literária*; e o *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira* (1967), que chegou à 7ª edição em 2008, obra coletiva organizada ao lado do poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta José Paulo Paes (1926-1998).

Sem esquecer de *O Conto Português* (1975), *Fernando Pessoa: o Espelho e a Esfinge* (1988), *O Guardador de Rebanhos e Outras Poemas de Fernando Pessoa* (1988), *As Estéticas Literárias em Portugal* (1997-2000), em dois volumes, abrangendo do século XIV ao XIX, e *Machado de Assis: Ficção e Utopia* (2001), entre outros.

### IV

A carreira acadêmica de Massaud Moisés seguiu até 1995, quando ele se aposentou e deixou de dar aulas na graduação no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Mas isso não significou o fim de sua dedicação à atividade docente. Pelo contrário. Continuou a oferecer seus conhecimentos aos alunos de pós-graduação e aprofundou-se ainda mais em seus estudos literários, de que resultaram os livros *Estéticas Literárias em Portugal*, para o qual fez pesquisas na Biblioteca Nacional de Lisboa em 1999, e *Machado de Assis: Ficção e Utopia*. Foi ainda professor-visitante nas universidades de Wisconsin, Indiana, Vanderbilt, Texas e



O professor paulista Massaud Moisés (1928-2018)

Califórnia, nos Estados Unidos, e Santiago de Compostela, na Espanha.

Suas aulas eram também lições de Pedagogia, pois sabia como prender a atenção dos alunos, a ponto de não se ouvir na classe nenhum som, exceto a sua voz, que se tornava ainda mais canora quando recitava, por exemplo, os versos do poema “Hora Absurda”, de Fernando Pessoa (1888-1935): O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas... / Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso... / E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas / Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Era igualmente um orador de méritos indiscutíveis, como mostrou aquando de minha defesa de tese de doutoramento, em 1997, ao lado de outro orador irrepreensível, o diplomata, poeta, ensaísta, memorialista e historiador Alberto da Costa e Silva, presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 2002-2003 e embaixador do Brasil em Portugal de 1989 a 1992, que fez parte da banca juntamente com os professores Fábio Lucas, Francisco Maciel Silveira e Lênia Márcia de Medeiros Mongelli. A tese de doutorado sairia em livro em 1999 pela Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, com o título *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo*, sugestão do professor Massaud, prontamente aceita, e prefácio de Costa e Silva.

## V

Nascido em São Paulo, oriundo de uma família de imigrantes libaneses, Massaud (Massô, na pronúncia francesa) dizia-se agnóstico, mas,

embora não acreditasse na vida eterna, carregava uma alma cristã, como sabem quantos com ele conviveram. Generoso, quando percebeu que o fim de sua trajetória se aproximava, doou sua vasta biblioteca para a Casa de Portugal, de São Paulo, que agora a disponibiliza ao público. Antes, quando a biblioteca começou a conquistar espaços de sua casa, adquiriu o apartamento acima do seu e lá instalou seus livros e seu escritório, sem deixar de mandar colocar uma escada interna helicoidal para ligá-los.

Casado em segundas núpcias com Antonieta, foi pai de Ana Cândida, Beatriz, Cláudia, Maurício e Rodrigo, para os quais dedicou alguns de seus livros. Membro da Academia Paulista de Letras (APL), nunca se empenhou em conseguir uma vaga na ABL, que, por motivações políticas, já abriu suas portas para figuras bem menos representativas. Obviamente, quem perdeu foi a ABL porque ninguém reconstituiu a História da Literatura Brasileira com tamanha profundidade como Massaud Moisés. O professor foi ainda coordenador literário no Brasil da revista *Colóquio/ Letras*, de Lisboa. E, a 26 de novembro de 1987, recebeu a comenda da Ordem do Infante D. Henrique do governo de Portugal.

## ADELTO GONÇALVES

paulista de Santos, é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

# C. K. WILLIAMS

## PERTO DO FIM

### 3 POEMAS

TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO DE RICARDO RIZZO

---

*Do children from all places and times speak so passionately  
and knowledgeably about torture?*

*C. K. Williams*

**O** poeta, crítico e tradutor norte-americano Charles Kenneth Williams, que faleceu em 20 de setembro de 2015 (nascido em New Jersey, em 4 de novembro de 1936), deixou uma obra poética exuberante, substanciada em mais de duas dezenas de livros de poesia, publicados desde a sua estreia em 1968: uma contribuição original e revitalizadora para o repertório da poesia norte-americana recente.

Conhecido pelo verso longo e o andamento argumentativo, pelo poder de descrição, minúcia e narração que caracteriza parte importante de sua obra, Williams foi também um poeta de grande intensidade moral, formal e imagética. Sua poesia registra muitas vezes a partir da reflexão pessoal, da observação urbana e da ruminação quase ensaística, as associações e desdobramentos que conectam os temas da ordem do dia às dores e sombras mais ou menos congeladas que rondam tanto a espécie como os indivíduos – o seu infortúnio como o seu desejo.

C. K. Williams enfrentou essa enorme tarefa de observação, reflexão e arqueologia com fôlego, atenção, precisão, e mesmo intimidade – fabricando um verso marcado por um sentimento incrivelmente persistente de urgência e de propósito, talvez de justiça, e ao mesmo tempo de quebra, vertigem, sobreposição, acúmulo melódico e rítmico, desdobramento e busca pelo ar, mesmo quando ali, perto do fim (do verso como do mundo), é a ausência de finalidade e transcendência que, desconcertantemente, se confirma.

**BUTCHERS AÇOUGUEIROS**

1.

*Thank goodness we were able to wipe the Neanderthals out, beastly things,  
from our mountains, our tundra—that way we had all the meat we might need.*

*Thus the butcher can display under our very eyes his hands on the block,  
and never refer to the rooms hidden behind where dissections are effected,*

*where flesh is reduced to its shivering atoms and remade for our delectation  
as cubes, cylinders, barely material puddles of admixed horror and blood.*

*Rembrandt knew of all this—isn't his flayed beef carcass really a caveman?  
It's Christ also, of course, but much more a troglodyte such as we no longer are.*

*Vanished those species—begone!—those tribes, those peoples, those nations—  
Myrmidon, Ottoman, Olmec, Huron, and Kush: gone, gone, and goodbye.*

2.

*But back to the chamber of torture, to Rembrandt, who was telling us surely  
that hoisted with such cables and hung from such hooks we too would reveal*

*within us intricate layerings of color and pain: alive the brush is with pain,  
aglow with the cruelties of crimson, the cooled, oblivious ivory of our innards.*

*Fling out the hooves of your hands! Open your breast, pluck out like an Aztec  
your heart howling its Cro-Magnon cries that compel to battles of riddance!*

*Our own planet at last, where purged of wilderness, homesickness, prowling,  
we're no longer compelled to devour our enemies' brains, thanks to our butcher,*

*who inhabits this palace, this senate, this sentried, barbed-wire enclosure  
where dare enter none but subservient breeze; bent, broken blossom; dry rain.*

1.

*Graças a Deus conseguimos varrer aqueles Neandertais, bestiais criaturas, das nossas  
montanhas, nossa tundra – assim ficamos com toda carne de que poderíamos precisar.*

*Assim o açougueiro pode exhibir bem diante de nossos olhos as suas mãos sobre o cepo,  
e nunca mencionar as salas escondidas nos fundos, onde as dissecações são levadas a cabo,*

*onde a carne é reduzida a seus átomos trêmulos e remodelada para nossa deleição  
em cubos, cilindros, poças quase imateriais de horror e sangue amalgamados.*

*Rembrandt sabia bem de tudo isso – a sua carcaça de boi não é um homem das cavernas?  
É também o Cristo, claro, mas muito mais um troglodita como o que já não somos.*

*Espécies varridas do mapa – bem feito! - aquelas tribos, aqueles povos, aquelas nações –  
mirmidões, otomanos, olmecas, hurons e cuches: já era, já era, e adeus.*

2.

*Mas voltemos à câmara de tortura, a Rembrandt, que certamente estava tentando nos dizer  
que içados por aqueles cabos e pendurados naqueles ganchos nós também revelaríamos*

*dentro de nós intrincadas camadas de cores e dor: o pincel tornado vivo pela dor,  
aceso pela crueldade do encarnado, o frio e distraído marfim das nossas entranhas.*

*Lance fora os cascos das suas mãos! Abra o seu peito e arranque como um asteca  
o seu coração Cro-Magnon, uivando os cantos que embalam as batalhas de extermínio!*

*Um planeta só nosso finalmente, onde purgados da selvageria, do desabrigo e da prontidão  
já não somos compelidos a devorar o cérebro do inimigo, graças ao nosso açougueiro,*

*que habita este palácio, este senado, este claustro cercado de sentinelas e arame farpado  
onde ninguém ousa entrar, exceto a brisa subserviente, a flor curva e quebrada, a chuva seca.*

**IT IS THIS WAY WITH MEN**

*they are pounded into the earth  
like nails; move an inch,  
they are driven down again.  
The earth is sore with them.  
It is a spiny fruit  
that has lost hope  
of being raised and eaten.  
It can only ripen and ripen.  
And men, they too are wounded.  
They too are sifted from their loss  
and are without hope. The core  
softens. The pure flesh softens  
and melts. There are thorns, there  
are the dark seeds, and they end.*

**COM OS HOMENS É ASSIM**

*eles são socados para dentro da terra  
como estacas; mova um centímetro  
e eles são empurrados para baixo de novo.  
A terra está cravada deles.  
É um fruto espinhoso  
que perdeu esperança  
de ser apanhado e comido.  
Pode apenas madurar e madurar.  
E os homens, eles também estão feridos.  
Eles também estão filtrados de sua dor  
e estão sem esperança. O núcleo  
amolece. A pura carne amolece  
e derrete. Há os espinhos, e há  
as sementes escuras, e eles acabam.*

**DOMINION: DEPRESSION**

*I don't know what day or year of their secret cycle this blazing golden afternoon might be,  
but out in the field in a shrub hundreds of pairs of locusts are locked in a slow sexual seizure.*

*Hardly more animated than the few leaves they haven't devoured, they seethe like a single being,  
limbs, antennas, and wings all tangled together as intricately as a layer of neurons.*

*Always the neat, tight, gazeless helmet, the exoskeleton burnished like half-hardened glue;  
always the abdomen twitched deftly under or aside, the skilled rider, the skillfully ridden.*

*One male, though, has somehow severed a leg, it sways on the spike of a twig like a harp:  
he lunges after his female, tilts, falls; the mass horribly shudders, shifts, realigns.*

*So dense, so hard, so immersed in their terrible need to endure, so unlike me but like me,  
why do they seem such a denial, why do I feel if I plunged my hand in among them I'd die?*

*This must be what god thinks, beholding his ignorant, obstinate, libidinally maniacal offspring;  
wanting to stop them, to keep them from being so much an image of his impotence or his will.*

*How divided he is from his creation: even here near the end he sees moving towards him  
a smaller, sharper, still more gleaming something, extracting moist matter from a skull.*

*No more now: he waits, fists full of that mute, oily, crackling, crystalline broil,  
then he feels at last the cool wingbeat of the innocent void moving in again over the world.*

**DOMÍNIO: DEPRESSÃO**

Não sei a que dia ou ano de seu ciclo secreto corresponde esta tarde dourada e incandescente,  
mas no arbusto do campo centenas de pares de gafanhotos se atacam numa lenta convulsão sexual.

Só um pouco mais vivos do que as poucas folhas que não devoraram, fervilham como um único ser,  
patas, antenas e asas todas emaranhadas tão intrincadamente como um feixe de neurônios.

Sempre o capacete liso, compacto, olhar vazio, o exoesqueleto polido como cera semi-endurecida;  
sempre o abdômen teso por baixo ou pelo lado, montador habilidoso, montaria habilmente montada.

Um macho de alguma forma perdeu uma perna, balança na ponta de um galho como uma harpa:  
ele ainda tenta estocar a fêmea, pende, cai; a massa estremece horrivelmente, vira, realinha-se.

Tão densa, dura, tão imersa na sua terrível necessidade de durar, tão diferente e igual a mim,  
por que parecem tamanha recusa, por que sinto que se afundasse a mão no meio deles morreria?

Deve ser o que deus pensa, contemplando sua prole ignorante, obstinada, libidinosamente maníaca;  
tentando fazê-los parar, evitar que sejam a imagem tão acabada de sua impotência ou de seu desejo.

Quão separado ele está da sua criação: mesmo aqui perto do fim ele vê avançar em sua direção  
algo menor, mais nítido e ainda mais reluzente, extraíndo matéria úmida de um crânio.

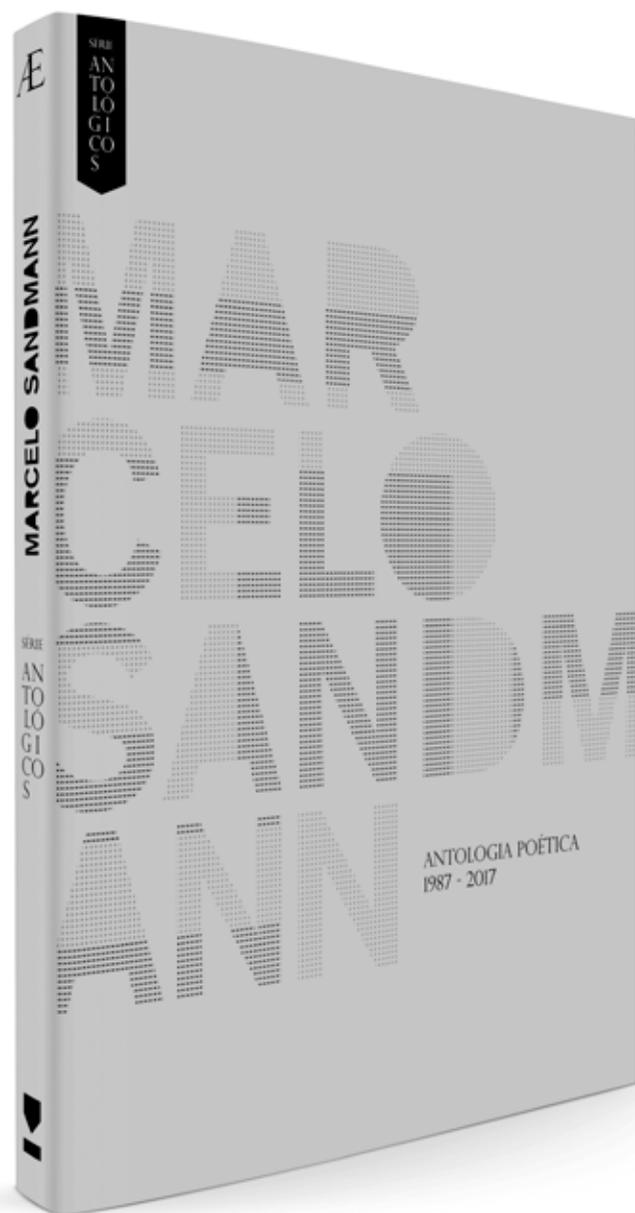
Agora não mais: ele espera, punhos untados daquela fervura muda, crepitante, cristalina,  
então ele sente afinal o fresco lufar do vazio inocente alastrando-se novamente sobre o mundo.

**RICARDO RIZZO**

mineiro de Juiz de Fora, é poeta. Publicou, entre outros, *País em branco* (Ateliê Editorial, 2007), *Estado de despejo* (Geleia Real, 2014/Patuá, 2016) e *Canção do Arbitrio* (Patuá, 2018).

# MAIS QUE BRINQUEDO, MENOS QUE ALUCINAÇÃO

GABRIEL RACHWAL



**A**ntologia poética de Marcelo Sandmann, que recobre trinta anos de sua produção, se abre com um poema que prepara o leitor para a concisão que marca essa poesia. O singelo asterisco que faz as vezes de título de tal poema pode ser lido como uma nota de rodapé promovida a introito da celebração da lucidez na lida com a língua que é o estado constante dessa lírica. O rodapé, comumente abrigo dos detalhes, das minúcias, das explicações mais ou menos dispensáveis, não existe numa poética em que nenhuma quebra de verso ou pingo de “i” pode ser desprezado. No intervalo entre um verso e outro (o vasto branco do papel) ou bem ali atrás do pingo dum “i” pode estar uma dor de trinta anos de duração ou a luta corporal com o turbilhão da vida, da língua e dos significados delirantes e dilacerantes que desafiam constantemente esse poeta que insiste em escrutinar essa zona toda (permitam-me aqui a informalidade, que também tempera a poesia em tela) sem ceder à sua lógica. Do manejo da minúcia linguística vem as faíscas das sucessivas implosões que o eu lírico contém e convida o leitor a também conter, sem extravasar. Será assim que uma corda de instrumento arrebatando num concerto que serve de mote a um dos poemas se transformará em experiência vertiginosa de uma subjetividade que, exercitando o máximo domínio sobre os recursos poéticos, poderá fruir-se, contente do teste dos limites da sensibilidade.

Faz jus ao poeta examinar um pouco mais de perto o asterisco de abertura, testando seus limites, suas oportunidades de rebentação vertiginosa. A primeira estrofe já dá o andamento substantivo de todo o poema: “Concisão de luz, / lâmina precisa”. No teatro, a associação de refletor com lâmina dá exatamente precisão à luz que, então, recorta o espaço sem hesitação, seccionando de modo a flagrar o que interessa. Do indistinto do palco, a luz seleciona a matéria como um bisturi na investida numa biópsia arriscada. É a isso que Marcelo se propõe por meio da língua. Nesse poema amputado de verbos, os substantivos se acumulam, ordenados pelos versos, pelas vírgulas e pelos pontos-finais. Qualquer verbo seria deixa para um aspecto acional ou processual que poderia tornar difuso o limite entre luz e sombra e pôr em risco a precisão. Detanhamo-nos, leitores, diante do corte proposto, conforme a segunda estrofe: “Claustro o corpo, / o fôlego / sílaba exígua”. Mesmo um verbo de ligação seria demasiado. Para a expressão do que se passa com a sensibilidade desse corpo restringido, o fôlego é escasso, mas depende dessa própria escassez a eficácia da expressão, que vem a ser, então, “Exposição de vísceras”, verso que encerra o poema e abre caminho para a antologia, para as entranhas da obra, fazendo o convite para que do claustro que é corpo conheçamos as vísceras.



O poeta curitibano Marcelo Sandmann

Nessa exposição, terá algum pudor o poeta que, bom sabedor da lição de que os acontecimentos ainda não são poesia, em alguns momentos mostrará autoironia e, portanto, procurará sempre a medida certa, a cutilada precisa, desferida com força exata. Quando revisita a tópica da *aurea mediocritas*, por exemplo, dá notícia do entendimento que orienta os movimentos do seu bisturi de poeta que, meditando o que é que cabe à poesia, não se entrega à gratuidade (“Um pouco mais / que simples brinquedo”) e nem perde a lucidez (“Um pouco menos / que alucinação”), encontrando o caminho moderado na solução tipográfica singela do verso que diz “f ó s f o r o” e, deslocando-se em relação aos demais versos do poema, aproxima-se do centro da página e revela, pelo recurso aos espaçamentos entre os caracteres, o que vai ao redor, que é o branco amorfo da página e, analogamente, a escuridão aonde as palavras não chegam mas que podem iluminar, ainda que pelo curto tempo da duração da chama de um fósforo.

A poesia de Marcelo Sandmann, então, vai se mostrando verdadeira lição de sobriedade que impede a língua de perder o lastro na materialidade, na sensibilidade a que se oferecem as realidades mais mundanas e intranscendentes. O trabalho poético fica sendo, antes de mais nada, ter os pés bem fincados nesse real e senti-lo, sem esquivar-se à dor que lhe for inerente e, então, forjar (no bom sentido do fingimento, do domínio da ars necessária à composição dum poema) o prazer. Nesse sentido, pode-se citar o poema “Taxidermia”, em que nos é apresentado o ofício desse taxidermista, vulgo “empalhador”, que, valendo-se de “lâmina de aço inexorável” (já conhecemos um pouco desse instrumento), retira o que há de carne no corpo e o vai “enchendo com palavras”, recebendo tal material – as palavras – a seguinte descrição: “palha vã / que nos mantém”. A precariedade do material deteriorado sonoramente de “palavras” a “palha vã” convive com a necessidade que se tem dele, mantimento básico. Ainda que a imagem tenha lá a sua morbidez, a antologia de Marcelo Sandmann atesta a vivacidade de uma poesia que há trinta anos, a tiros precisos, mantém palavras e mortos (vide “O poeta sai de cena” e “Escrevo para os mortos”) na ativa.

O limite de caracteres desta resenha já vai chegando. A resenha pôde ruminar o asterisco de abertura por dois longos parágrafos e depois arranhar a leitura de uns poucos poemas que compõem a antologia. A falta decorre das habilidades do poeta que, leitor de Ezra Pound, abarrotou o mínimo dos significantes com significados de matéria mais densa que o chumbo, demorada, de digestão lenta. É verdade que engolimos rápido como o tiro na testa do poema “Poesia versus prosa” – “pá-buf!” – mas a digestão (ou convalescença, talvez ressaca) acaba exigindo um pouco mais, talvez algo como aqueles famosos quatro estômagos no cérebro do leitor ruminante somados à disposição para comer pedras. Aos que precisarem de algum descanso, poderão servir-se do “Pato ao tucupi”, interlúdio herói-cômico que divide a antologia, sendo poema em que o poeta mostra face robusta também quando propõe poesia mais discursiva. Bon appétit!

# POEMAS DE MARCELO SANDMANN

## TAXIDERMIA

Com lâmina de aço inexorável,  
ele fere firme a epiderme,  
esgarça os nervos,  
retalha os músculos,  
revira as vísceras  
e risca, nos ossos,  
suas iniciais.

Taxidermista habilidoso,  
extraí do corpo  
o que nele há de carne.

E esse invólucro difuso,  
a que muitos chamam "alma",  
vai enchendo com palavras,  
palha vã  
que nos mantém.

## SOL POR DENTRO

Há um sol  
que brilha por dentro.

(Pelos ossos, pelo  
sangue, pelos músculos,  
pelos nervos.)

Ele arde na carne,  
ferve na pele,  
reverbera em pensamento.

Há um sol  
no fundo do corpo,

lúcido, noite adentro.

## O POETA SAI DE CENA

O poeta sai de cena,  
deixa versos  
e o cadáver.

(Como fugir ao culto dos mortos?)

As palavras são difíceis  
mas a carne cede fácil.  
Que ternura! Que metáforas!  
É morto fresco.

Mas se o sabor sabe a bolor,  
ou já mesmo a podridão,  
é que estes tempos são tempos  
de rápida corrupção.

Pois fiquem à vontade, sirvam-se.  
Experimentem seu foie gras,  
quitute cevado há anos  
com tintos de fina cepa.

(Todo leitor tem um quê de necrófilo.)

Por gentileza, sirvam-se.  
Não façam cerimônia.  
Vida longa à poesia!  
Et bon appétit!

# E NÃO ESTAMOS TODOS?

CONTO DE MAURO GUIDI-SIGNORELLI

---

Hoje é o aniversário do Luis Felipe e da Vitória.

O Tiago viajou com a mulher e o filho de Amsterdã a Barcelona e o Jefferson curtiu. O Jefferson está morando na Holanda já tem um tempo e o Tiago seguiu os seus passos recentemente. Nós três fizemos vários trabalhos em grupo na época da faculdade e algumas festas também. Quando o Jefferson esteve no Brasil alguns anos atrás, eu escrevi para ele dizendo que a gente precisava se encontrar e colocar os assuntos em dia e ele adorou a ideia. Eu então propus três datas diferentes para nos encontrarmos, mas o Jefferson ainda não me respondeu.

A Flor curtiu uma empresa que vende pôsteres artísticos de utensílios domésticos.

A Nina, a Ágata e dois outros amigos curtiram o bar-cervejaria que esses dois outros amigos acabaram de abrir.

O Carlos curtiu uma frase do Bukowski sobre se sentir mal por não fazer nada de útil do seu tempo. Desconfio que o Carlos ainda esteja trabalhando no índice da sua tese.

O Élder curtiu um artigo sobre vinhos.

A Evelyn compartilhou um artigo pregando uma vida mais simples. A Evelyn tem compartilhado vários artigos pregando uma vida mais simples desde que ela se converteu ao Rastafarianismo e se mudou para uma fazenda no Planalto Central. Às vezes me pergunto se não deveria me converter ao Rastafarianismo e me mudar para uma fazenda no Planalto Central, mas não parece assim tão simples.

O Ednardo compartilhou uma tirinha que faz piada de pais e mães cujos filhos acabaram de voltar às aulas. Não entendo a piada e imagino que seja preciso ter filhos para que ela faça sentido. Daí eu lembro que o Ednardo é solteiro sem filhos e tudo faz sentido. Quer dizer, o Ednardo ser solteiro faz sentido.

Recebo uma sugestão para ver mais tirinhas que fazem piada de pais e mães.

O Jefferson (um outro) tirou uma selfie com a esposa num restaurante.

É a quarta selfie-com-esposa do Jefferson em duas semanas. Imagino a crise conjugal pela qual ele deva estar passando.

O Élder (o mesmo) compartilhou um artigo insinuando que escândalos de corrupção envolvendo partidários da direita são tratados a um ritmo mais lento que os escândalos de corrupção envolvendo partidários da esquerda. Desconfio que o Élder esteja insinuando que certos partidários são menos desonestos que outros.

A Samara curtiu um artigo defendendo os homens que tatuaram LADRÃO na testa de um menino pego roubando bicicletas. Cancele a minha amizade com a Samara. Ela é casada, além de tudo.

A Yara tirou trinta e sete fotos do seu fim de semana na praia. Sorteio uma das fotos e levanto o polegar.

O Tiago e o Jefferson curtiram um artigo sobre os benefícios do café para a saúde. Jefferson das Holandas, não Jefferson das crises conjugais. Os Jeffersons ainda não se conhecem.

A Kelly curtiu uma hamburgueria vegetariana do Itaim. Mas ela ainda não respondeu às mensagens que eu mandei semana passada.

A Marina compartilhou duas fotos de mendigos em frente a cartazes com paisagens urbanas. Parece que os mendigos estão na frente das paisagens e não das réplicas. Faria mais sentido se as paisagens nos cartazes fossem outras, mas as fotos da Marina nunca fazem muito sentido.

A Ju está interessada num evento em algum lugar fora da cidade. A foto do evento é um tobogã sem fim no meio de um gramado sem fim. Se não fosse fora da cidade...

Recebo uma sugestão para conferir pijamas em promoção. Me pergunto como eles sabem.

O Rodrigo levou menos de cinco horas para pedalar mais de cem quilômetros e agradeceu o seu treinador e a sua namorada pela façanha. Foi provavelmente a namorada quem tirou a foto do Rodrigo de uniforme apertado beijando uma medalha que acompanha os agradecimentos. O Rodrigo perdeu bastante peso desde que se converteu ciclista e por isso

eu levanto o polegar.

A Maria Cristina curtiu um artigo sobre um grupo protestando que uma ponte em São Paulo foi batizada com o nome de um político ao invés de um outro.

A Evelyn compartilhou uma foto dela e seis rapazes sentados em volta de uma fogueira com as seguintes hashtags: rasta, rastafari, crianca-sindigo, pleadianos, reggaevibes, picnic, amigos, deboinha. Todos na foto têm dreadlocks felpudos e sorrisos relaxados. Eles também têm narizes vermelhos e eu desconfio que o sol do Planalto Central não esteja sendo clemente com as suas conversões.

O Fabrício mudou a sua foto de perfil. Ele agora está de perfil.

A Flor curtiu uma revista gratuita que esconde publicidade em odes a um estilo de vida alternativo.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando o procurador por trás das acusações de corrupção contra o primeiro ex-presidente de esquerda do país.

O João curtiu um artigo aclamando a França por ser o primeiro país a proibir copos e talheres de plástico, por questões ecológicas. Um dos amigos do João comentou que ele não deveria esquecer que a França também proibiu a prostituição. Sério?

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando a urgência com a qual o primeiro ex-presidente de esquerda do país está sendo processado por corrupção. Me lembra o artigo do Élder sugerindo que a justiça é mais lenta do lado direito. Tanto a Maria Cristina quanto o Élder são divorciados e têm mais de sessenta. Ambos gostam de vinho. Deveria apresentar um ao outro.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando o judiciário.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando a Monsanto.

O Luis Felipe e o Ednardo curtiram uma operadora de telefonia celular. Suponho que eles tenham curtido essa operadora para poder ganhar algum desconto um tempo atrás e não sabem que toda semana os seus amigos e conhecidos são lembrados da sua astúcia. Mas não quero ser o arauto de más notícias. Não no aniversário do Luis Felipe.

A Maria Cristina curtiu um artigo sobre os benefícios da amora para a saúde. O artigo afirma que amoras têm vinte e duas vezes mais cálcio que uma quantidade equivalente de leite. Levanto o polegar para a minha tia por dessa vez ela ter sido positiva. E também por às vezes ela me ajudar com o aluguel.

A Yara curtiu alguma coisa que um amigo dela escreveu em espanhol. Entendo o suficiente para entender que não entendo espanhol o suficiente.

A Roberta postou uma selfie com as seguintes hashtags: matinal,

A Maria Cristina curtiu um artigo sobre os benefícios da amora para a saúde. O artigo afirma que amoras têm vinte e duas vezes mais cálcio que uma quantidade equivalente de leite. Levanto o polegar para a minha tia por dessa vez ela ter sido positiva. E também por às vezes ela me ajudar com o aluguel.

casamento, amor, lindos, grata, fds, batevolta, jetlag, unitedstates, washington, beavercreekcountryclub, travelgram, fotocelular, iphone5. Pensei que a Roberta tivesse um telefone melhor.

O Carlos e a Marta lamentam a morte de um escritor desconhecido.

A Nina curtiu que a Ágata está interessada na festa de aniversário de um bar na Augusta. A Nina e a Ágata ficaram solteiras ao mesmo tempo e desconfio que elas tenham superado as suas diferenças em nome da farra.

O Fernando compartilhou um artigo louvando um ator da nova geração e curtiu o próprio compartilhar do artigo. As fotos do ator que ilustram o artigo são assinadas pelo Fernando e aposto que ele quer que os outros pensem que ele é amigo do ator. Mas pode ser só hashtag-inveja mesmo.

A Natália foi marcada numa foto em que ela e quatro outras garotas se espremem na pequena sacada de um apartamento com vista para o mar. A Natália parecia mais bonita antes de parar de responder às minhas mensagens.

A Maria Cristina compartilhou um artigo sobre um pedófilo e disse estar chocada.

A Flor curtiu um instituto que vende MBAs. Me pergunto se a Flor já terminou o seu MBA. Ele tinha um título pomposo que combinava internacional, marketing e luxo. Me pergunto se a Flor ainda vende roupas.

Recebo uma sugestão para visitar a Feira de Empregos no Jabaquara. Filhos da mãe.

A Marta curtiu a letra de uma música que diz Não importa se eu não sou o que você quer / Não é minha culpa a sua projeção / Aceito a apatia se vier / Mas não desonre o meu nome.

A Maria Cristina compartilhou outro artigo criticando o mesmo procurador por trás do mesmo processo contra o mesmo ex-presidente.

O João curtiu algo bem longo que um amigo seu escreveu. Bem longo.

A Evelyn curtiu um artigo escrito em letras de outro planeta. Não entendo porque algumas pessoas perdem tempo aprendendo espanhol enquanto elas poderiam aprender rastafariano e se comunicar com o universo e arredores. Também não entendo porque há tantas fotos de pombas no artigo da Evelyn.

A Kelly curtiu algo que um amigo dela escreveu. Algo sobre acordar de madrugada para assistir ao nascer do sol no campus da universidade prestigiosa que ambos frequentaram. O texto é tão bem escrito que quase não parece ostentação.

A Marta curtiu a foto de uma borboleta ao lado da frase Às vezes uma boa conversa e um pouco de atenção é tudo aquilo que a gente precisa para aliviar a mente turbulenta.



Lucas Lentz



O Fernando compartilhou um artigo criticando o judiciário. O mesmo artigo que a Maria Cristina tinha compartilhado. O Fernando também está solteiro, mas acredito que o Élder seja um melhor acréscimo à família.

A Flor curtiu a foto de uma estátua romana de 120 DC.

O Carlos curtiu uma tirinha que faz piada de homens que usam pantufas.

O Carlos curtiu um artigo que ataca um formador de opinião que atacou aposentadorias antecipadas. O Carlos é um niilista.

A Marta curtiu um poema que rima suplicar e explicar.

A Marta curtiu uma imagem com a frase Não se torne aquele que lhe machucou.

A Marta curtiu uma imagem com a frase Espero que a vida aceitará essa minha estranha mania de ser livre. Sair do armário deve ser complicado.

A Vanessa anunciou uma viagem à Bolívia e comentou que está começando a cansar das suas longas férias.

A Ágata curtiu a foto de um céu nublado. Quem tirou a foto foi a Nina. Suas diferenças foram mesmo superadas.

A Larissa curtiu a foto que um amigo dela tirou em outro país. Uma foto em preto e branco de duas crianças ao lado de uma moça. A criança da esquerda está tocando flauta, a criança da direita está cantando e a moça, no meio, está tocando tamborim. As três jovens pessoas da foto vestem branco e parecem felizes. É uma foto bonita, mas já estourei minha quota de polegares do dia.

O Kléber curtiu a foto de um barraco de um, dois, três, quatro andares tão irregulares que o barraco só pode ter sido construído a partir do último andar. Abaixo da foto segue a legenda Nossa falta de respeito pelas leis não perdoa nem as leis da física.

A Vanessa compartilhou uma foto dela num lugar que muitas outras pessoas antes dela chamaram de Machu Picchu. Ela está usando um gorro estranho e parece suada. Mando um "como estás señorita???" e espero pelo melhor.

A Evelyn compartilhou a foto de um velho sábio ao lado de uma frase sobre correr atrás dos seus sonhos. Se ela soubesse quais são os meus sonhos...

O Fernando tirou uma foto em preto e branco de um senhor numa canoa com um cachorro. Eles parecem tranquilos. O Fernando curtiu a própria foto.

O Carlos curtiu uma foto de cinco homens num elevador com a legenda Continua descendo que a gente quer subir. Os homens são meio famosos e imagino que a foto venha de um filme ou série que ainda não assisti. E o elevador realmente sobe quando desço. E desce quando subo. Sobe. Desce. Sobe. Sobe. Sobe. Hehehe.

Recebo uma sugestão para participar de um evento chamado Djaff Afrozila b2b DJ Shimza. Me pergunto o quê, me pergunto por quê. Mas principalmente o quê.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando o atual presidente de ex-esquerda. Estava começando a sentir saudades dela.

A Marta curtiu uma frase que diz Amar é uma loucura aceita pela sociedade.

O Ednardo curtiu a foto de um rapaz lavando louças.

O Fernando curtiu a foto das gravações de um clipe de música. Espero que ele não conheça a cantora.

O André atualizou a sua foto de perfil. O seu filho ocupa três quartos da foto, a sua filha um quarto e o André mesmo quase não aparece. As crianças ainda são pequenas, mas eu ficaria enciumada se fosse a filha do André.

A Ju curtiu as quatro fotos que uma amiga dela tirou de uma menina. Abaixo das fotos segue a legenda Cada segundo... com, vc filha [coração] se torna ouro [coração] [coração] [coração diferente]. Me incomoda um pouco o último [coração] ser diferente dos outros três.

Recebo uma sugestão para conferir roupas infantis em promoção.

A Marta curtiu uma estorinha que diz:

– Vem pra minha casa.

– Não posso.

– Por quê?

– Estou contemplando o universo e a natureza da existência.

– Mas eu tô sozinha!

– E não estamos todos?

A Evelyn curtiu a foto de um dos seus amigos rastafári num rio de águas sujas. O amigo está remando um bote salva-vidas e sorrindo para a câmera. E não estamos todos?

Mando uma mensagem de feliz aniversário para o Luis Felipe. Mando a mesma mensagem para a Vitória e anexo a foto de um gato carregando um bolo. Espero pelo melhor.

MAURO GUIDI-SIGNORELLI

paulista de Piracicaba, vive há quinze anos em Paris, França, onde trabalha como engenheiro. Seu primeiro romance, *Tio Afonso*, foi um dos finalistas do Prêmio Sesc de Literatura 2007.

# DEFESA DE KAFKA CONTRA SEUS SUCESSORES

MANUELA BARBOSA

---

*Era um duro inseto, um escaravelho,  
voava em linhas súbitas,  
batia de encontro às vidraças  
cantando com estridência.*

*Clarice Lispector*

**M**eios infantis e insuficientes podem alcançar o alvo, mas os canhestros arriscam deitar tudo a perder. Esperamos não seja este o caso, mas, examinando com isenção o que já se fez, se faz e resta por fazer, não é certo que possamos vencer onde tantos outros malograram estridente ou silenciosamente. Que nos sirva como circunstância atenuante a atitude de pensadores colossais que, antes de nós e presumivelmente com mais elegância, naufragaram espelhando a dignidade dos músicos que executaram até o derradeiro bruxulear das luzes a trilha sonora para o resgate ou a despedida dos passageiros do transatlântico que, em 1912, após colidir com um iceberg, afundou num mar de gelo.

Deu-se, por um capricho ou pelos fados, que naquele mesmo ano, um jovem de 29 anos redigisse o esboço de um romance que começa num navio, intitulado *O desaparecido*. Como estamos falando de rotas desviadas e linhas tortas, cumpre acrescentar que o nome traçado pelo autor foi ignorado pelo seu testamenteiro e responsável pela publicação, sujeito que por sinal veio a batizar a obra como ela enfim ficou conhecida: *Amerika*.

Dito isso, comecemos de um porto seguro. Será o caso, quero crer, do filósofo Giorgio Agamben, que, no final de *Ideia da Prosa*, volta a um dos seus e nossos autores de predileção: Franz Kafka. Em pouco mais de duas páginas, o italiano esclarece, mimetizando o estilo do eleito, porque rios de tinta vão correr antes que se escreva algo que se equipare à literatura do – permitamo-nos esta arbitrariedade – tcheco, seja no modo crítico ou literário.

Será o caso, quero crer, do filósofo Giorgio Agamben, que, no final de *Ideia da Prosa*, volta a um dos seus e nossos autores de predileção: Franz Kafka. Em pouco mais de duas páginas, o italiano esclarece, mimetizando o estilo do eleito, porque rios de tinta vão correr antes que se escreva algo que se equipare à literatura do - permitamo-nos esta arbitrariedade - tcheco, seja no modo crítico ou literário.

É preciso, contudo, tentar, mesmo sabendo que nos aguarda o mais fragoroso fracasso. Se “as longas caminhadas cansam indistintamente defuntos e vivos”, como quer Murilo Rubião, como por outro lado e com não pouca sabedoria contrapunha Aníbal Machado, “mesmo a caminho da forca se deve apreciar o passeio”.

Premeditei certa vez um exame dos sucessores de Kafka. Este, a princípio, cogitei tão singular como um cruzamento de cordeiro e gato; frequentando-o, em pouco acreditei reconhecer sua voz ou seus hábitos, em textos de diversas literaturas e de diversas épocas. Registrarei alguns poucos aqui, em ordem cronológica.

O primeiro é Charles Ives, com “A pergunta não respondida” (*The Unanswered question*; 1930-1935) e “Central Park no escuro” (*Central Park in the Dark*; 1906). Uma peça que está em lá maior (assim declaram os tratados de harmonia) não poderá alcançar si maior de imediato, porque antes deverá percorrer a metade do caminho entre os dois, talvez o tom de ré maior e em seguida a relativa menor, si, para chegar à homônima maior. A forma deste ilustre problema é, exatamente, a de “Uma confusão cotidiana” (*Eine alltägliche Verwirrung*), e A e B são os primeiros personagens kafkianos da literatura. Que o diga Johann Sebastian, cujo sobrenome, em cifras musicais, poderia ser traduzido justamente por si bemol, lá, dó, si bequadro (B-A-C-H), o qual aliás dispersou assinaturas

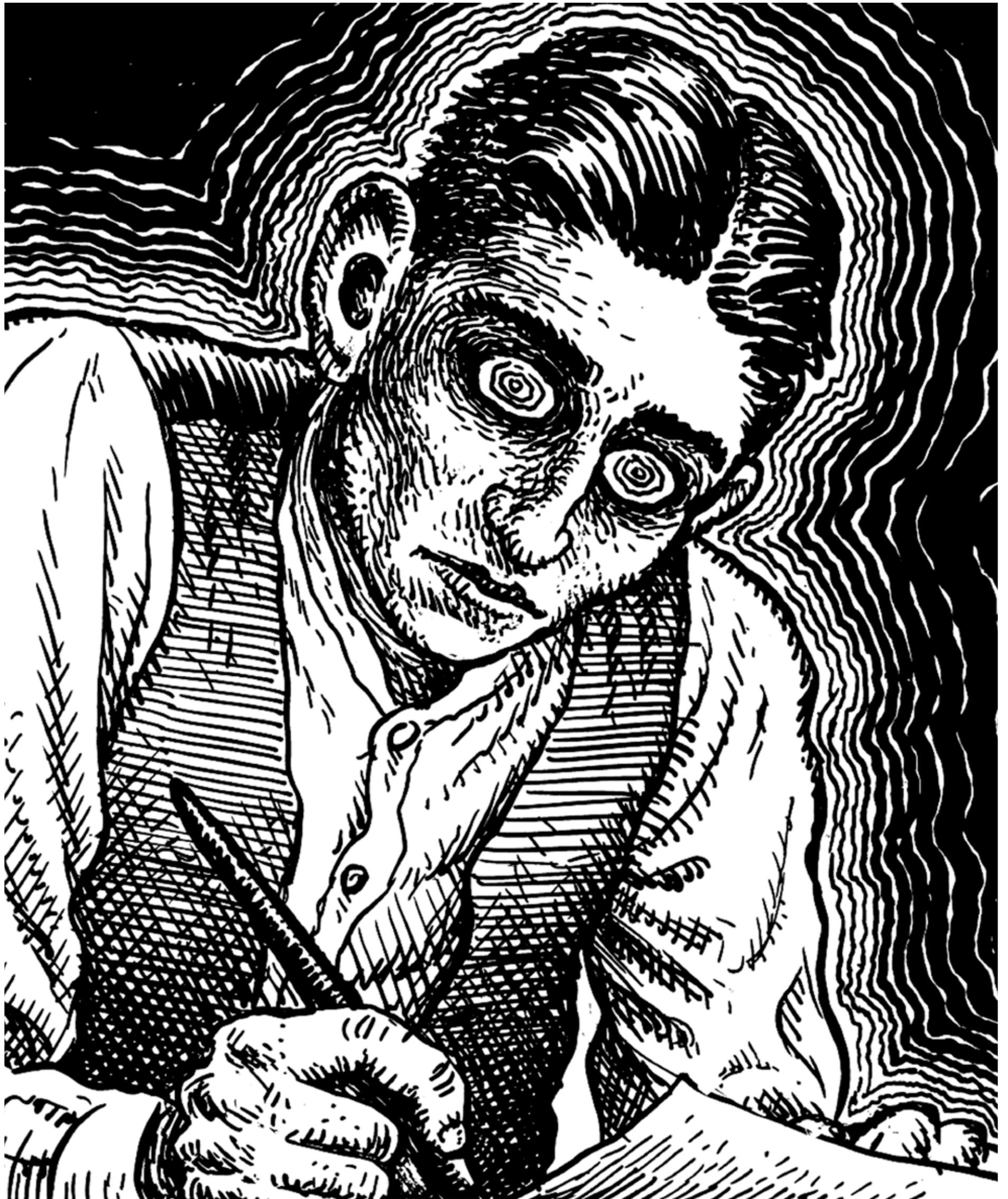
codificadas em diversas de suas composições, como certo advogado e funcionário de uma companhia de seguros que conhecemos.

No segundo texto com que no azar dos livros me deparei, a afinidade não está na forma, mas no tom. Trata-se de um trecho de Antonio di Benedetto que consta na admirável antologia *Mundo Animal* (1953), traduzida para o português por André de Oliveira Lima. Este é o parágrafo que marquei, misterioso e tranquilo (e que se me perdoe a extensa citação, já que expressa, portanto não passível de acusações de plágio): “Quando compreendi a inutilidade do macaco, pude me aproximar do que me pareceu se converter em um destino útil, ainda que seja para os demais. Sua cabeça oca me sugeriu o aproveitamento da minha. Quis fazer dela, e foi simples fazê-lo, um ninho de pássaros. Minha cabeça se encheu de pássaros, voluntária e prazerosamente, da minha parte e da deles. Sentia prazer, sim, pela felicidade do ninho firme, seguro e abrigado que eu podia lhes dar, e sentia prazer de outras maneiras diferentes. Quando, por exemplo, aquela vez fiz minha aparição, fisicamente sombria, no semi-alvorço, com urdidura de cálculo e inquietude transfigurados, do chá com carteados da minha mãe, e ela teve de me dizer, desafiadora e perdendo serenidade, que como eu fazia isso de me pôr a assobiar no meio da reunião das senhoras. E eu dizia, com a minha boca de lábios desunidos nada mais que por um sorriso de pena da sua ignorância, que não era eu mesmo quem assobiava, e naquela moça suscitei o assombro cândido de quem presencia o trânsito de um deus musical, tangível e findável”.

O terceiro texto procede de uma fonte mais previsível; os escritos de Isaac Babel. A finalidade mental de ambos os escritores é coisa de ninguém ignorada; o que não se destacou ainda, que eu saiba, é o fato de que Babel, como Kafka, abundou em parábolas líricas de fundo histórico e proletário. Com o de Bashevis Singer, transcrevo dois exemplos. Um é a história de uma mulher que recebe por marido um anjo cujas asas, “montadas em dobradiças feito as portas” podiam ser retiradas e embrulhadas em um lençol, à noite, para não se quebrarem. O tema do outro são os contos iídiches repletos de fantasmas, demônios e forças ocultas, dos quais não se ausentam humor e lirismo, e nos quais uma ação boa pode desencadear o mal e uma ação má pode desencadear o bem, inexplicável e exasperantemente.

A quarta das sucessões a encontrei no poema *Elogio do mau conceito de si*, de Wisława Szymborska, publicado em polonês em 1996. A voz que fala põe-se a emitir assertivas sobre os animais: abutre, pantera negra, chacais... Nos últimos versos, finaliza: “Nada de mais animal/ que a consciência limpa/ no terceiro planeta do Sol”, em tradução de Júlio Sousa Gomes).

Minhas notas registram também dois contos. Um pertence ao volume *O cavalo perdido e outras histórias*, de Felisberto Hernández, e refere o caso de pessoas que se relacionam com um músico e um balcão. O outro se intitula “Os rememorantes” e é de Wilson Bueno. Trata-se de um invencível exército de guerreiros, pequenos monstros que habitam e devoram os sonhos humanos. (Este conto é, como facilmente se advertirá, o estrito reverso do anterior; no primeiro, nunca se sai de uma verdade; no



Desenho de Robert Crumb, feito para a história em quadrinhos *Kafka de Crumb*, publicado no Brasil pela Relume-Dumará

O fato é que cada escritor  
escolhe seus sucessores. Seu  
labor modifica nossa concepção do  
presente, como há de modificar  
o passado. Nessa correlação  
nada importa a identidade ou a  
pluralidade dos homens.

último, a ela não se chega). Haveria ainda uma crônica de Luis Fernando Verissimo intitulada “Da timidez”; alguns poemas em prosa de Carlos de Oliveira e versos de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Se não me equivoco, as heterogêneas peças que enumerei se parecem com Kafka; se não me equivoco, nem todas se parecem entre si. Este último fato é o mais significativo. Em cada um desses textos está a idiosincrasia de Kafka, em grau maior ou menor, mas se Kafka não houvesse escrito, não a perceberíamos; vale dizer, não existiria. O poema de Szyborska de certa forma atualiza a obra de Kafka, mas nossa leitura de Kafka afina e desvia sensivelmente nossa leitura do poema. Não sabemos se a polonesa o lia.

Como agora nós o lemos!... No vocabulário crítico, a palavra “influência” é indispensável, mas haveria que tratar de purificá-la de toda conotação de polêmica ou rivalidade. O fato é que cada escritor escolhe seus sucessores. Seu labor modifica nossa concepção do presente, como há de modificar o passado. Nessa correlação nada importa a identidade ou a pluralidade dos homens. O primeiro Kafka de *Betrachtung* é tão precursor do Kafka dos mitos sombrios e das instituições atrozes quanto Szyborska ou Felisberto Hernández.

A inclinação poética da qual Kafka faz parte, seguindo Borges, poderia, arbitrariamente, começar com Gilgámesh, em cuja tradução portuguesa, de Jacyntho Lins Brandão, se lê: “Se te jogara o corpo aos pássaros, vorazes águias e abutres!” Em outras situações da epopeia, o sono colhe o guerreiro no menos oportuno dos momentos; como se dá com K. em *O Castelo*, por medo, a dor, no texto antigo, desfigura as feições do herói (“À de quem chega de longe sua face se iguala”) e ele faz uma jornada pelo líquido mundo inferior como o caçador Graco. “Difícil é a travessia, estreito, o caminho, no meio, as águas da morte, que o avanço obstruem”.

Surge a metáfora do corpo como uma veste, com que deparamos também nos *Salmos* (“Eles perecerão, mas tu permaneces. Todos eles se consumirão como uma veste, tu os trocarás como roupa, e cederão seu lugar”, Sl 101, v. 27 — Tradução Ecumênica Brasileira), em *Isaiás* 64, v. 6 (“Todos nós fomos como o impuro, e todos os nossos atos de justiça, como panos repugnantes, todos nós murchamos como a folha,

e as nossas iniquidades, como o vento, nos levam embora” — TEB), na *Carta aos Hebreus* (1, v. 11), para não falar de Mateus 6, v. 30, e 9, v.16. Aparentada, mas diversa, a metáfora surge na *Ilíada*, 3, v. 57, na forma das pedras tumulares como traje do corpo morto.

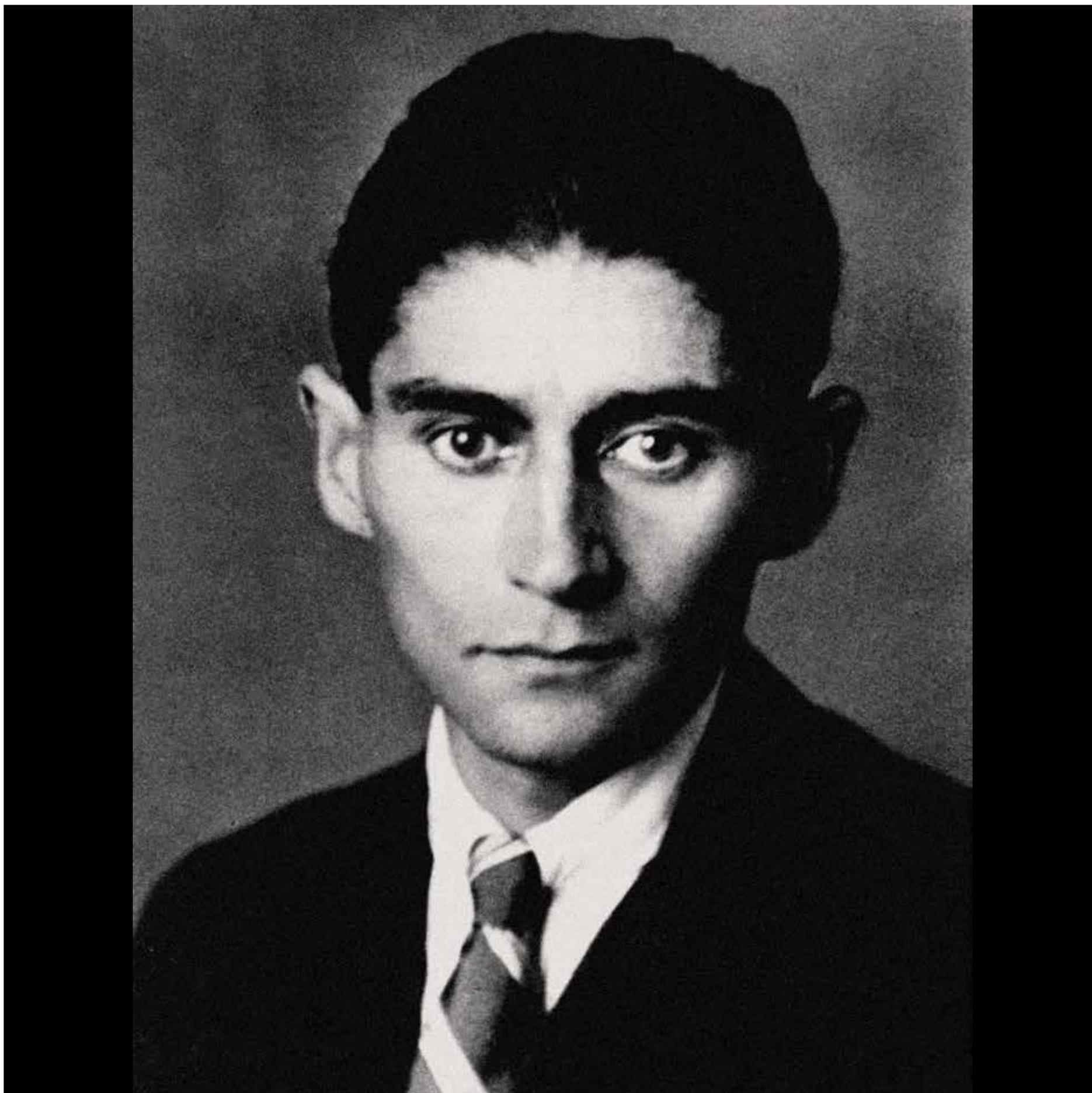
Modificada em metonímia, é a mesma imagem que Kafka borda em “Roupas” (“*Kleider*”), redigida provavelmente entre 1904 e 1905, e que aparecia em *Os cadernos de Malte Laurids Brigge* (1910), na tradução de Paulo Quintela:

*Há muitas pessoas, mas há ainda muitas mais caras, pois cada uma tem várias. Há pessoas que usam uma cara anos seguidos; gasta-se naturalmente, suja-se, quebra nas rugas, alarga como as luvas que se usaram em viagem. São as pessoas simples, poupadas; não mudam de cara, nem a mandam lavar. Serve muito bem, afirmam elas; e quem é que lhes pode provar o contrário? (...) Outras pessoas põem as suas caras com uma rapidez medonha, uma após outra, e gastam-nas. Parece-lhes a princípio que lhes chegam para sempre, mas, mal chegam a quarenta — eis a última. Isto tem naturalmente o seu trágico. Não estão habituadas a poupar caras; a última gastou-se ao cabo de oito dias, tem buracos, está em vários sítios delida e fina como papel, e, a pouco e pouco, vai aparecendo a pasta de baixo, a não-cara, e é com essa que andam.*

No Brasil, além de Aníbal Machado, que empresta à ideia algo bem diverso, mas aparentado, em “*O homem e sua fachada*” e “*Homem em preparativos*”, Zulmira Ribeiro Tavares recicla o moto, em *Jóias de Família*:

*Maria Bráulia (...) faz aderir ao rosto o seu segundo rosto, o “social” de pele entre o rosa e o marfim, boca e face rosadas. Os cílios com rímel espevitam o azul dos olhos e atijam o amarelo pintado dos cabelos. Com o rosto social mais uma vez encenado, o outro, o estritamente particular, recua, como acontece todas as manhãs, e é esquecido imediatamente por sua dona. Um rosto que de tão pouco visto por terceiros adquire a mesma modéstia do corpo murcho (...). Seu rosto social continua firmemente afivelado ao natural (...) Então com um pedaço de algodão molhado no líquido branco cheiroso vai apagando cuidadosamente do rosto, aos poucos, aquelas cores vivas e alegres como faria o gerente de uma casa de espetáculos apagando uma a uma as luzes, primeiro do palco, depois dos corredores, da sala de espera, do pátio. No espelho resta então alguma coisa tão esvaziada e quieta como a fachada de um teatro às escuras.*

Bem, mas antes que as divagações se tornem um mau hábito, vamos ao final que interessa, sem, entretanto, esperar recriminações pelo extravio, pois, se não há nada de novo sob o sol, e devemos crê-lo, preleciona Augusto Meyer que “[n]ão há nada de inútil sob a lua, e a meta frívola é a atitude que assenta bem a um digno habitante desta vertiginosa esfera.”



O escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924)

**MANUELA BARBOSA**

pesquisadora, escreveu a tese "K. no Brasil: Kafka, Murilo Rubião e Aníbal Machado", pela UFMG

---

# SONDAGEM

YEDA PRATES BERNIS

---

ILUSTRAÇÃO SEBASTIÃO MIGUEL

---

De repente, a vontade de saber o peso do perfume de uma rosa. Lembrei de um querido amigo, Manoel, de Campo Grande.

– Alô, Stela, Manoel está aí?

– Não, saiu com o Aníbal, seu amigo mineiro de Sabará, residente no Rio de Janeiro.

Tento falar com o Aníbal.

– Alô, Maria Clara, Aníbal está por aí?

– Não – respondeu. Saiu com o Manoel. Disse que ia, com ele, andando em direção à Santa Maria, castelo de passarinhos.

Triste, procurei o outro Manuel, pernambucano que sempre morou no Rio. Ele não estava. Foi a Pasárgada onde a vida era perfeita e era amigo do Rei. Desapontada, pensei: quem pode falar do peso do perfume da rosa? Os anjos. Mas os anjos não aparecem sempre. Só os místicos mais graduados e os poetas conversam com eles.

Eu, um dia, também saberei qual o peso do perfume da rosa.



YEDA PRATES BERNIS

mineira de Belo Horizonte, é poeta. Diplomada em Letras Neolatinas, é autora de alentada obra poética, na qual figuram os livros de poesia *Pêndula* (1983), *Grão de arroz* (1986) e *Entressombras* (2013). É membro da Academia Mineira de Letras.

---